

Poesia Sempre

Número 30 • Ano 15 / 2008

Polônia





A large, light green, stylized letter 'S' is centered on the page. It has a thick, uniform stroke and a classic, slightly decorative font style. The letter is oriented vertically, with its top at the top of the page and its bottom at the bottom.

Poesia *Polônia*
Sempre

Poesia 
Número 30 | *Sempre*
Ano 15 / 2008 | *Polônia*

Rio de Janeiro

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente da República

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Ministro da Cultura

JUCA FERREIRA

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente

MUNIZ SODRÉ

Diretora Executiva

CÉLIA PORTELLA

Coordenação Geral de Pesquisa e Edição

OSCAR M. C. GONÇALVES

EDITORIAL

Editor

MARCO LUCCHESI

Editor Adjunto

RUY ESPINHEIRA FILHO

Coordenação Editorial

RAQUEL FABIO

RAQUEL MARTINS RÉGO

TARSO TAVARES

Revisão

FRANCISCO MADUREIRA

MÔNICA AULER

VALÉRIA PINTO

Projeto Gráfico Original

VICTOR BURTON

Projeto Gráfico Adaptado

ADRIANA MORENO

Diagramação

CONCEITO COMUNICAÇÃO INTEGRADA

Fotografia

CLÁUDIO DE CARVALHO XAVIER

HÉLIO JORGE GARCIA DA CONCEIÇÃO

PAULO LEONARDO DA COSTA CUNHA

Estagiários

MARLON MAGNO ABREU DE CARVALHO

CATARINA FERREIRA

Conselho Editorial

ALBERTO PUCHEU

ANTÔNIO CARLOS SECCHIN

ARMANDO FREITAS FILHO

ARTHUR NESTROVSKI

DEONÍSIO DA SILVA

GERALDO HOLANDA CAVALCANTI

JOSÉ MINDLIN

LETÍCIA MALARD

MÁRIO CHAMIE

RICARDO ALEIXO

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

Capa:

WIT STWOSZ. *CARVALHO DA BORGONHA*. [15--].

IN: KRAKOWSKI, OLTARZ. *WIT STWOSZ*. [CRACÓVIA], 1964.

Quarta capa:

WIT STWOSZ. *LIVRO ENCADERNADO COM GUARNIÇÃO DE FERRO*.

[15--]. IN: KRAKOWSKI, OLTARZ. *WIT STWOSZ*. [CRACÓVIA], 1964.

Orelhas:

JAN STANISLAWSKI. *VERÃO*. [1902]. ÓLEO SOBRE TELA.



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Ministério
da Cultura



Sumário

Palavras iniciais | 7

CONTRA OS POETAS | 9

Literatura em fuga da filosofia

Marcia Sá Cavalcante Schuback | 11

Têmpera e força

Henryk Siewierski

e Marcelo Paiva de Souza | 17

Contra os poetas

Witold Gombrowicz | 21

A MODERNA

POESIA DA POLÔNIA | 31

*A minha África começa na rua
de Lidemburgo e desemboca no
Alto Maé*

Entrevista com Luís Carlos

Patraquim | 93

POESIA INÉDITA | 97

Terra da memória

Graziella Andreani | 161

Palavras iniciais

A poesia da Polônia parece ter atraído um número expressivo de leitores no Brasil do século XIX. Os livros chegavam da França e traziam a voz poderosa de Mickiewicz. Clamavam por Terra e Liberdade. E emocionaram Machado de Assis. Mas foi no século XX que a poesia da Polônia se tornou patrimônio da *Weltliteratur*, com Tadeusz Różewicz, Zbigniew Herbert, Wislawa Szymborska e, sobretudo, com a perspectiva continental de Czesław Miłosz.

Henryk Siewierski e Marcelo Paiva de Souza no ensaio “Têmpera e força” justificam a potência do recorte da antologia especialmente preparada para esta edição. Um texto provocativo, o de Gombrowicz, serve de mote e contraponto ao que será tratado a seguir. A respeito de Gombrowicz, Marcia Schuback tece uma espécie de romaneio do que há de

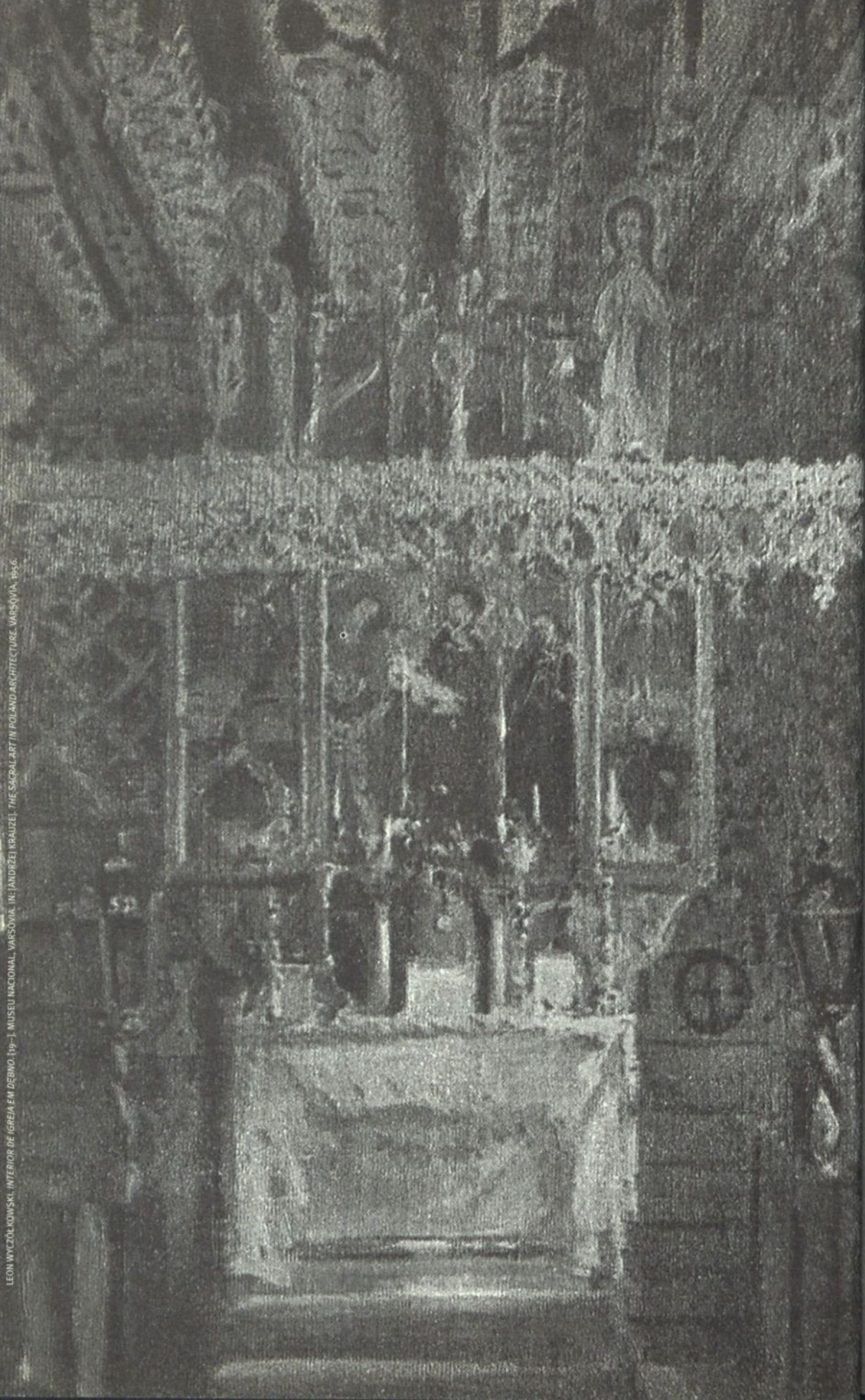
virtual entre a poesia e a filosofia, na obra daquele grande romancista.

A entrevista de Luís Carlos Patraquim traduz o quadro de uma funda compreensão do mundo, a partir de uma geografia palmilhada ao longo de novos territórios sintáticos, como aqueles que emergem do livro *Pneuma*, sob a lua prismática do Índico.

A seção de poemas inéditos conta com as lentes dos poetas Fernando Abreu e Luís Augusto Cassas, a quem agradecemos boa parte do desenho da seção.

O trabalho de Graziella Andreani vem se firmando nesses últimos anos pela forma clara e sutil com que assume a modernidade líquida, na condição de uma história apátrida, vivida por Graziella, entre o Brasil, a Itália e a Eslovênia.

Marco Lucchesi



CONTRA OS POETAS

Literatura em fuga da filosofia¹

MARCIA SÁ CAVALCANTE SCHUBACK

Para Leonard Neuger

Quem sou eu para falar de Gombrowicz e de exílio? Não sou escritora nem teórica de literatura. Não sou polonesa nem eslavista. Sou latino-americana, mas não venho da Argentina, essa “segunda pátria” de Gombrowicz. Venho do Brasil, o único país que não fala espanhol na América Latina e Gombrowicz não possuía nenhum laço especial com esse meu país. Mas sou filósofa. Digo “mas” porque, para muitos, a filosofia é o lugar tradicional em que o “eu”, o individual, o acidental, tende a ceder a conceitos universais, aos enunciados de validade universal, a idéias sem corpo, e isso em nome do “eu penso, logo existo”. Para muitos, a filosofia é precisamente o lugar em que se pode dispensar o uso da palavra “eu” e assim sentir-se seguro e protegido num discurso do “nós”, num saber de validade transindividual. Filosofia apresenta-se assim como forma para nossas generalizações. Porque guardamos uma imagem do filósofo como especialista de generalidades, iludimo-nos achando que a filosofia pode falar de qualquer coisa.

Essa imagem, ou melhor, forma de filosofia perseguiu Gombrowicz, como a sombra persegue o corpo. Sua paixão por discussões filosóficas até o final da vida, quando “apenas a filosofia conseguia mobilizar o seu espírito”, como conta sua esposa Rita, parece contradizer as severas críticas aos conceitos-muros da filosofia, às abstrações, generalizações e formalizações filosóficas. Não obstante crítico, Gombrowicz atribui ao existencialismo filosófico o valor incontestável de ter exposto “uma certa estrutura do humano, o resultado das confrontações talvez mais profundas e radicais entre a consciência e a existência”, como afirma em seus *Diários*. Apesar de crítico, reconhece que seu romance *Ferdydurke* “é existencialismo nas vísceras”. Mesmo assim, considera o existencialismo como algo “entranhando” sua existência, querendo invadi-lo inteiramente, querendo “adentrar as camadas mais profundas da existência”. Em sua melhor forma, que para Gombrowicz é o existencialismo, a filosofia é perseguidora. E dela foge Gombrowicz, que neste ensaio está sendo assumido como a literatura em fuga da filosofia. *Ferdydurke* termina com as seguintes

1 Esse texto foi escrito originalmente em sueco e publicado na Revista Glänta de Gotemburgo, 2004, por ocasião de uma grande homenagem a W. Gombrowicz.

palavras: “Fujo com a face nas mãos”. Com a face nas mãos, a literatura foge da filosofia numa “fuga ofensiva”. Gombrowicz descreve essa fuga como uma deserção – “ninguém pode imaginar o incomensurável dessa minha deserção”. Uma imagem poderosa dessa fuga que deserta ofensivamente e que ele chama de “fuga da arte” é a sombra de um condor espalhando-se sobre o chão.

Em sua fuga da filosofia, Gombrowicz descreve a literatura como exílio, uma forma de vida que começou a viver após Platão ter expulso os poetas de sua república filosófica. Os *Diários* assemelham-se a uma voz da exclusão relativamente à *República* de Platão. O remarcável, porém, é que Gombrowicz também expulsa os poetas da literatura. Redige o escrito polêmico “Contra os poetas”, seguindo a mesma crítica apaixonada feita por Platão na *República*. Gombrowicz é contra os poetas porque, enquanto artistas, eles se comportam como meros imitadores – miméticos. Para ele, os poetas sofrem da mesma cegueira que os artistas plásticos. Os poetas tornam-se muito facilmente formalistas, ou seja, imitadores de imagens, imitadores de produtos e formas, esquecendo-se dos processos e forças de formação. A polêmica de Gombrowicz contra os filósofos e contra os poetas miméticos e reprodutivos devolve os poetas à *República* e obriga a literatura a um expatriamento voluntário embora inevitável. A república poético-filosófica não expulsa a literatura. Ao contrário. Ela persegue a literatura, quer seduzir a literatura com suas formalizações racionais e sensíveis. É a literatura que se obriga a deixar essa república, que escolhe desertar e fugir com a face nas mãos – num estado voluntariamente ansioso e perseguido.

É a forma que persegue a literatura. Filosofia e poesia são, para Gombrowicz, o jugo da formalização e da generalização. Gombrowicz – ou melhor, a literatura em fuga da filosofia e da poesia – compreende a si mesmo como exílio da forma. “A verdadeira luta dentro da cultura (...) não é entre verdades inimigas ou modos de vida distintos. Tampouco em questão estão outras antinomias como cultura–barbárie, conhecimento–não conhecimento, luz–sombra... O embate eterno, mais drástico, insolúvel é aquele travado dentro de nós mesmos, a partir das duas tendências que nos habitam: uma que busca forma, configuração e definição e outra que recusa configuração, que não quer forma”, como lemos nos *Diários*. O exílio é um estado perseguido, ansioso e ansiado, uma expulsão não propriamente da terra natal, da Polônia, do lar, mas da forma, do jugo da formalização, da forma matando nascimentos. Pátria, lar, passado, origem, “o de lá” – todas essas palavras são traduzidas, na obra de Gombrowicz, para essa palavra sem conteúdo: “forma”. Todas essas palavras neutralizam-se, alcançando um “grau zero” para utilizar uma figura da lingüística com matizes fenomenológicos. Exílio neutraliza-se enquanto categoria geográfica. A geografia dilui-se em favor de uma grafia da existência. Não é a terra que se quer medir. São os nós górdios da existência que se descrevem. O exílio não mais se exprime em termos de lugares, nações, fronteiras culturais e sim em termos existenciais: “Será que o homem já esteve em algum outro lugar do que dentro de si mesmo?”, pergunta Gombrowicz enfaticamente.

Mas o que é o si mesmo? Que lugar é esse o “em si mesmo”? É o homem

no homem. E o homem no homem, a humanidade, no uso que Gombrowicz faz da filosofia contra a filosofia, estrutura-se no modo de um “ter de, sempre e de novo, definir a si mesmo e constantemente buscar escapar e não se identificar com as suas definições”. A humanidade aparece aqui como um conflito entre a forma e o eu. A forma é o leito violento de Procusto, cortando a cabeça do eu, os seus pés, o seu pensar, o seu passar. A forma corta a busca de si mesmo do eu, a desordem, a impureza, o acaso do eu. Ela corta o fermento e a fermentação do eu. Exílio, na semântica literária de Gombrowicz, não significa apenas um estado perseguido e ansioso, mas também as suas condições de sobrevivência. De acordo com Gombrowicz, o eu só consegue sobreviver num estado ou esfera intermediária, numa meia-forma, na esfera do imprevisível e surpreendente, numa “distância entre o homem e a sua configuração”. Para poder ser um eu, pensa Gombrowicz, o eu deve abandonar tanto as diferentes formas de existência social, artística, cultural, como também todo tipo de familiaridade, intimidade e segurança propiciadas por formas generalizadas e generalizações formais. O eu só encontra um lugar no meio, no entre, numa entre-humanidade, na distância de toda espécie de conformismo. Somente na constante des-formação, no constante abandono da forma é que o eu pode criar forma, ser força criativa, ser transformador. Emigrar significa, portanto, alcançar uma distância, alcançar liberdade espiritual à medida que o eu se expõe ao risco de tudo perder e ser esquecido por tudo. A equação da existência é dura e quase impossível: esquecido pela pátria, não reconhecido na terra para a

qual emigra; declarado como morto pelo lado da origem, existência de sombra na terra estranha; acusado de desertar por um lado, considerado insuficiente por outro. Essa equação impossível pretende resolver-se pela medida rígida e dilacerante da culpa – quem emigra é, ao mesmo tempo, culpado em relação à terra natal e objeto de pecado no exílio da terra estranha. A fuga voluntária, mas inevitável, de Gombrowicz foi uma tentativa de escapar da perversa equação do exílio uma vez que a emigração literária instaura um tipo inteiramente outro de medida. O escritor, diz ele, é medido pela “medida de uma solidão quase total”. A regra do exílio é, assim: não fuja de ti mesmo; concentra-te em ti; concentra-te na distância radical, imponderável, das tuas formas, uma distância que é infinita, cósmica e, como o cosmo, impossível de ser controlada.

Eu fujo, logo existo. Eu não fujo de mim mesmo mas para mim mesmo e deste modo reconheço que ‘no começo era a forma’, o que me arranca de mim mesmo. A pergunta “quem sou eu?” vê-se então substituída por uma outra, a pergunta “quem sou eu?”. Com essa pergunta surge a dupla necessidade de abandonar o começo e a origem, a forma dada para entregar-se a formas constantemente novas e em transformação, em direção à forma criada. A dialética da forma em Gombrowicz é bem mais romântica do que nietzschiana. Ela se acha bem mais próxima das *Cartas sobre a educação estética* de Schiller do que do existencialismo do abismo porque ela questiona tudo menos o seu próprio fundamento – a obscura idéia do eu, a idéia mais que duvidosa de que a individualidade é o conceito mais apropriado para exprimir a vida fática

do homem. Podemos ver que o “eu”, nomeado nos *Diários*, é ao mesmo tempo o eu de Witold Gombrowicz e um outro. É ao mesmo tempo o Gombrowicz histórico e o ficcional. O eu é uma máscara, uma expressão, um empirismo fictício, uma ficção empírica, um “eu siléptico” como disse Leonard Neuger.² Todavia, o que Gombrowicz não abandona é a idéia de que existe algo genuíno, um eu empírico e autêntico atrás de suas máscaras, atrás de suas formas e simulações, mesmo que esse eu verdadeiro se apresente como uma nostalgia inalcançável e indizível. Talvez por isso Gombrowicz tenha podido viver tantos anos na Argentina. Ele vive como polaco no exílio sem nunca assumir um lugar como ser humano na Argentina. Ele era aquele que veio da Polônia. Ele não deixa a Polônia. Ele traz a Polônia o tempo todo consigo – a forma, o inferno paradisíaco abandonado, e o faz como o náufrago que depois de salvo continua levando consigo a tábua de salvação. Isso explica porque a direção do olhar nos *Diários* é tão peculiar. O eu dos *Diários* tem um olho a mais, um terceiro olho, um olho socrático-filosófico-existencialista que se encontra fora do corpo do eu e o olha. “Esse sou eu dez anos depois... Eu me comporto como se ele (ou seja, eu) me visse. Mas, ao mesmo tempo, eu o vejo sentado aqui, talvez à mesma mesa. Daí o terrível desse duplo olhar que parece uma realidade rachada, algo insuportável – como se eu me visse com meus próprios olhos.” Esse olhar de fora para si mesmo, esse olhar vindo da Polônia, da origem, da forma, obriga ao eu uma cisão: estar aqui apenas como

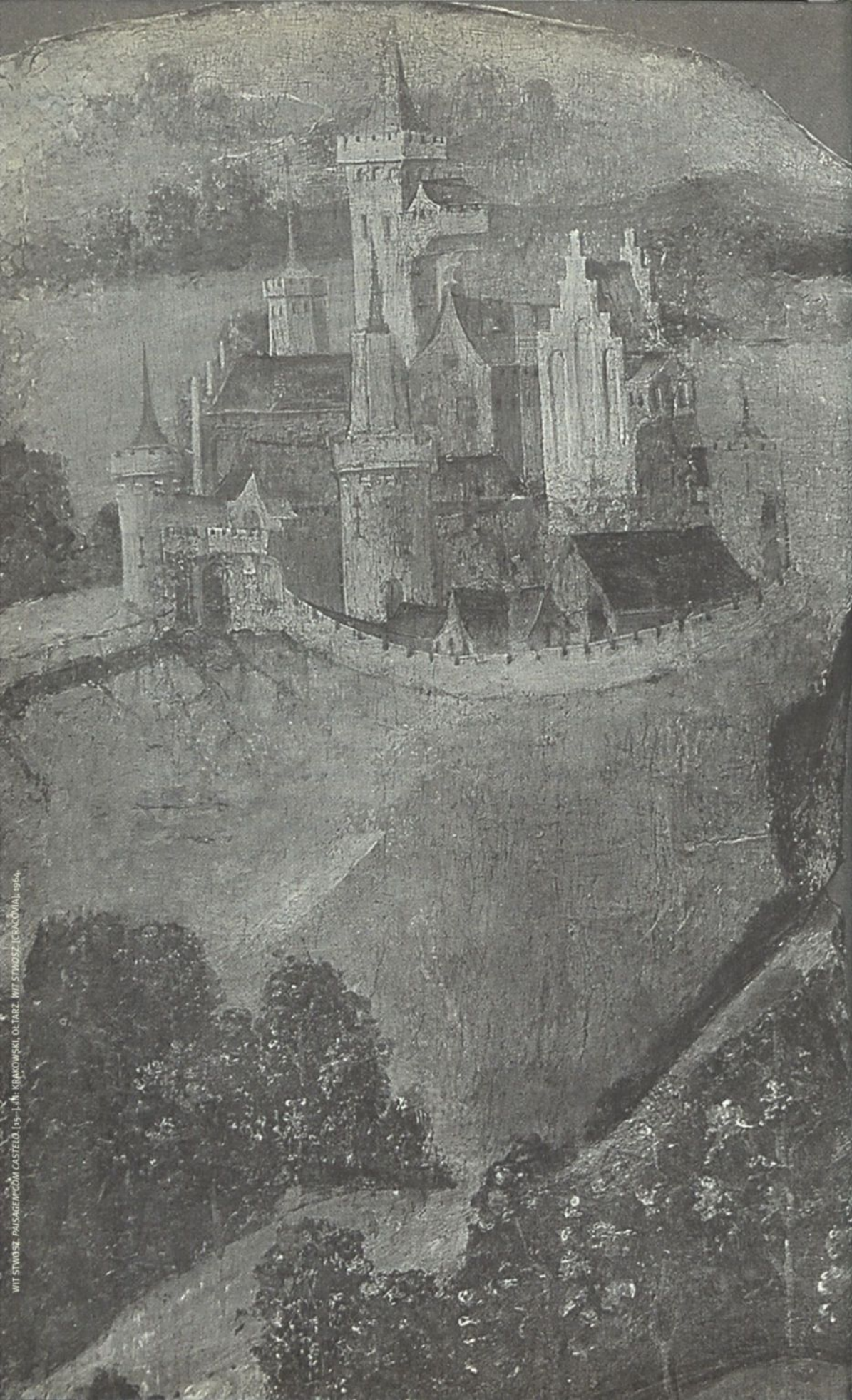
o que vem de fora e não estar lá por ser quem vem de lá. Esse “vindo de lá” é o permanente terceiro olho, um ele, um terceiro homem que segue e persegue o eu. “Se ele – eu – estava tão frágil nessas ocasiões não era de modo algum porque ele – eu – não estava adulto para a situação.” Ao ler Gombrowicz, o que me causa estranheza nesse eu perseguido, ansioso e ansiado é não haver lugar para um tu no eu, para um teu. A Argentina de certo modo permanece inexistente nos *Diários*, escritos ao longo de muitos anos de exílio na Argentina. Aquele país começa a aparecer nos *Diários* quando Gombrowicz deixa-o. Ele quer amar a Argentina. *Te quiero*. Nenhuma Argentina, nenhum tu, nenhum amor – esse é o coração das trevas do eu, já que o amor é a experiência radical do não eu, a experiência em que o eu não pode mais ser disposto como uma origem ou uma chegada, como começo ou como fim. No amor, o eu só abandona a si mesmo. No amor, é o eu quem se entrega ao outro. No amor, o que se abandona é a vontade do eu de agarrar e apreender. O amor não se deixa agarrar e nem apreender. O amor não quer nada. Diferentemente de outras “dores” de exílio, o amor nada tem a ver com posse. O amor sabe apenas tocar, como flor e sem porquê.

O estado perseguido, ansioso e ansiado do eu, o eu adâmico, alcança o seu paroxismo nos *Diários* – o eu não consegue abandonar esse abandonar da forma, do paraíso às avessas, da Polônia. O eu fica preso e sedentário nessa fuga e o exílio transforma-se numa nova República formalizadora. Não poder abandonar esse de-longe-olhar – o olho do eu – constitui o que poderíamos chamar de eurocentrismo de Gombrowicz, a forma supra-estruturante da sua dialética da

2 NEUGER, Leonard. Witold Gombrowicz and Modernist Oddities. In: _____. *Telling Forms*. Estocolmo: Almqvist & Wiksell International, 2004. p. 278.

forma, da luta entre a forma e o eu. O eurocentrismo de Gombrowicz fica claro quando descreve a Argentina como uma infância que não amadureceu, quando acusa os escritores argentinos de terem sido deformados pelo seu eu redefinido, indeterminado, não dramático, e isso quando se refere, por exemplo, a Borges. Eurocentrismo significa não poder ver com olhos presença, mas somente ver a vida com um de-longe-olhar – com um olho que não vê porque só projeta. Esse eurocentrismo, esse centrismo da auto-referência, Nietzsche considerou como a marca própria da filosofia Ocidental, do homem teórico, do homem caçador e perseguidor de ciências. Seu traço fundamental é justamente a incapacidade de esquecer, de fechar os olhos, de ser pela medida da noite, de deixar-se viver, de abandonar-se à vida da vida. Seu traço essencial é precisamente o *horror vacui*, o pânico diante do nada, diante do não ter, não possuir, não ser, não poder. O pânico diante da incapacidade de vislumbrar no nada a força criadora, essa “força que renova o mundo”, como canta um

verso de Emily Dickinson. Gombrowicz reivindicou um exílio no eu, no nó górdio da subjetividade, no lugar curioso de um “vindo de lá”, de um olhar vindo da forma. Minha pergunta é se Gombrowicz, ou seja, a literatura em fuga da filosofia, realmente abandonou a filosofia ou se a semântica do exílio não constitui propriamente a mais filosófica das semânticas. A pergunta é se a vontade de formalização e generalização, inerente à filosofia, não é ela mesma uma fuga, um estado perseguido, ansioso e ansiado, que se quer deixar para trás e desse modo controlar a presença abissal da vida, o incontrolável mistério do viver. E se, ao invés de fugir, o homem se demorasse no seu passar, na sua transitoriedade, sem querer exprimi-la, sem querer eternizá-la? O homem não mais haveria de se ver num eu – seja cartesiano ou existencialista. O homem haveria de se ver no carregar das pedras, no traçar de vestígios, no transcorrer da escrita, no viver do acontecer. Nenhum eu, só uma presença, uma afirmação infinitamente finita da concreção da vida.



Têmpera e força

HENRYK SIEWIERSKI E MARCELO PAIVA DE SOUZA

As leitores de *Poesia Sempre*, já habituados a surpresas de teor semelhante – não raro inclusive oriundas de plagas ainda mais remotas –, não deve parecer coisa demasiado abstrusa a idéia desta miniantologia da produção poética polonesa do século XX. De todo modo, àqueles que se incumbiram da honrosa tarefa de organizá-la, uma (boa) praxe recomenda algumas palavras de esclarecimento.

Palavras tanto mais necessárias neste caso porque a empreitada ensejou uma espécie de balanço cujos resultados, cremos, cabe registrar sumariamente aqui. É bem verdade que a literatura polonesa não está entre as mais conhecidas entre nós. Antes o contrário. Mas cumpre alertar para o fato de que não estamos pisando em terreno intocado. As relações entre Brasil e Polônia no mundo das letras têm uma *história*,¹ cujos meandros, aliás, já passa da hora de estudar melhor. Bastam uns poucos exemplos para demonstrar que os contatos a que nos referimos, posto que

esparsos, não são de maneira alguma destituídos de interesse.

Em *Crisálidas*, obra de 1862, encontram-se os versos de “Alpujarra”, de Adam Mickiewicz, traduzidos do francês por Machado de Assis.² “À mãe polonesa”, do mesmo Mickiewicz, dialoga intertextualmente, também em versão francesa, com “A mãe do cativo”, de Castro Alves, texto de 1868.³ Se voltarmos nosso olhar para épocas mais recentes, veremos, entre outros, Paulo Leminski e Ana Cristina César às voltas com poetas poloneses.⁴ Quanto fogo haverá por trás dessa fumaça? Tais ocorrências não indicam, a rigor, proximidade nem talvez convívio mais assíduo e sistemático. No entanto, já a importância dos nomes envolvidos justifica de sobejo a curiosidade e o

2 Cf. o “Prefácio” citado na nota anterior.

3 Cf. SIEWIERSKI, Henryk. *História da literatura polonesa*. Brasília: Editora UnB, 2000. p. 86-87.

4 Sobre os vínculos entre Leminski e a Polônia leia-se SOUZA, Marcelo Paiva de. *História, memória, invenção: a Polônia de Paulo Leminski*. *Contexto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFES/PPGL/MEL)*, Vitória, n. 13, p. 199-217, 2006. Quanto a Ana Cristina Cesar, recorde-se que ela traduziu, em parceria com Grażyna Drabik, poemas de Miłosz, Herbert e Szyborska, entre outros. Cf., por exemplo, “Poemas da greve e da guerra”. *Cadernos do Iser*, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

1 O ponto já era frisado por Henryk Siewierski e José Santiago Naud no “Prefácio” de *Quatro poetas poloneses* (Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. 9). A obra, bilíngüe, contém poemas de Czesław Miłosz, Tadeusz Różewicz, Wisława Szymborska e Zbigniew Herbert, traduzidos em parceria por Siewierski e Santiago Naud.

trabalho dos pesquisadores. E conviria lembrar ainda os demais âmbitos em que trocas e encontros se efetuaram,⁵ como também a crescente receptividade de nosso mercado editorial à ficção polonesa (em particular a contemporânea), para sequer mencionar o lado de lá, a contraparte dessa história nas vizinhanças do Vístula.

Se acaso restam dúvidas acerca da presença da Polônia no horizonte letrado brasileiro, assinale-se enfim a circunstância – salvo exagerado otimismo de nossa parte bastante alvissareira – de que a antologia aqui publicada se compõe quase toda de material não inédito. E antes que a informação decepcione alguém, tratemos depressa de realçar o dado implícito nela que é merecedor de atenção e comentário. O leitor dirá da arte dos poetas reunidos mais adiante. Dirá do mérito de cada tradução incluída e do critério dos responsáveis pela seleção.⁶ Seja qual for seu juízo a esse respeito, decerto haverá ele de convir

5 O caso do teatro, por exemplo, é conhecido. Cf. o estudo de FUSER, Fausto e GUINSBURG, Jacó. A “turma da Polônia” na renovação teatral brasileira. In: SILVA, Armando Sérgio da (org). *Jacó Guinsburg: diálogos sobre teatro*. São Paulo: Edusp, 1992, p. 57-92.

6 Aos interessados na problemática da tradução literária porventura será útil saber que Henryk Siewierski e Marcelo Paiva de Souza escreveram sobre o assunto, dando especial relevo às obras que verteram do polonês para o português. Os dois ensaios em questão, cada qual assinado por um dos autores referidos, sob o título comum de “Desatinada azáfama: reflexões sobre um percurso tradutório (I e II)” podem ser encontrados em SOUZA, Marcelo Paiva de; CARVALHO, Raimundo e SALGUEIRO, Wilberth (org.). *Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução*. Vitória: PPGL/MEL; Flor&Cultura, 2006. p. 27-30 e 43-54.

entretanto que a simples possibilidade de escolher entre textos previamente dados à estampa constitui uma evidência significativa. O procedimento adotado só se mostrou viável porque pudemos nos valer do que foi feito até o presente, por diferentes pessoas, em benefício da divulgação e do conhecimento do acervo literário polonês em nosso meio. Sem dúvida, o rol dos afazeres futuros é de tal ordem que a mais leve nota de triunfalismo aqui equivaleria a soberba ou tolice. Quiçá, porém, dar notícia dos resultados que vêm se acumulando possa trazer alento para o próximo passo. Esta ao menos é nossa esperança.

Uma observação ainda, a fim de que encerremos estes comentários preliminares. Em meia dúzia de linhas dificilmente se conseguiria apresentar sem imperdoáveis simplificações o perfil complexo e a obra extensa e notável de cada um dos autores contemplados nesta miniantologia. Fica para outra ocasião portanto uma tentativa dessa natureza.⁷ Vale a pena todavia salientar que o próprio arranjo dos textos que se seguem tenciona lançar alguma luz sobre traços característicos da produção

7 Informações suplementares podem ser buscadas na *História da literatura polonesa* (op. cit.). Cf. também MIŁOSZ, Czesław. *The History of Polish Literature*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 1983. Recomende-se, por fim, a consulta às seguintes antologias: *Post-War Polish Poetry*. Edited and translated by Czesław Miłosz. Baltimore: Penguin, 1970; *Polnische Poesie des 20. Jahrhunderts*. Herausgegeben und übertragen von Karl Dedecius. München: DTV, 1968; *Ein Jahrhundert geht zu Ende. Polnische Gedichte der letzten Jahre*. Herausgegeben und ins Deutsche übertragen von Karl Dedecius. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984; *Anthologie de la poésie polonaise*. Établie par Constantin Jelenski. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

literária polonesa do século XX. Assim, a título de *ouverture*, propõe-se a célebre diatribe gombrowicziana contra os poetas, após a qual se sucedem, agrupados por autor, os poemas que selecionamos. Estes últimos não devem ser lidos como réplicas diretas ao ensaio de Gombrowicz. Se é fato contudo que a própria condição de possibilidade da arte moderna está atrelada ao gesto de radical e permanente autocrítica, a

justaposição de um formidável libelo acusatório e da obstinada defesa da poesia inerente a cada poema que se escreve será capaz de revelar, indiretamente embora, um pouco da têmpera e da força da literatura polonesa.

A todos aqueles que contribuíram de algum modo para a elaboração desta antologia, nossos sinceros e calorosos agradecimentos.



Contra os poetas¹

WITOLD GOMBROWICZ (1904-1969)

Tradução de MARCELO PAIVA DE SOUZA

Seria mais sutil de minha parte não atacar uma das poucas devoções que ainda nos restaram. Embora tenhamos duvidado de quase tudo, celebramos ainda o culto da Poesia e dos Poetas e talvez seja essa a única divindade que não temos vergonha de adorar com toda a pompa, com profundas reverências, a voz altissonante... Ah, ah, Shelley! Ah, ah, Slowacki! Ah, a palavra do Poeta, a missão do Poeta e a alma do Poeta! E no entanto é preciso que eu me atire contra essa ladainha e desmoralize, na medida das minhas possibilidades, esse ritual, em nome... em nome simplesmente da irritação elementar que nos causa todo erro de estilo, toda tapeação, toda fuga da realidade. E porque vou à guerra contra uma esfera especialmente enfunada, preciso me cuidar para que não saia voando como um balão e não perca o chão firme debaixo dos pés.

A tese deste ensaio: *que quase ninguém gosta de poemas e que o mundo da poesia versificada é um mundo de mentirinha, uma falsificação*, parece, suponho, tão ousada quanto leviana. E no entanto estou aqui diante de vocês e declaro que eu não gosto de poemas,

que eles me chateiam. Vão dizer talvez que eu sou um pobre ignorante? Mas afinal eu trabalho há um bom tempo com a arte e a linguagem dela não me é totalmente estranha. Também não vão poder usar contra mim o argumento preferido de vocês, afirmando que eu não tenho sensibilidade poética, porque tenho e bastante – e quando a poesia me surge, não nos poemas, mas de mistura com outros elementos mais prosaicos, por exemplo, nos dramas de Shakespeare, na prosa de Dostoiévski e de Pascal, ou mesmo num ordinário pôr-do-sol, eu me arrepio feito os outros mortais. Por que então me chateia e cansa esse extrato farmacêutico chamado “poesia pura”, sobretudo quando aparece em sua forma versificada? Por que não posso agüentar essa cantilena monótona, o tempo todo sublime, por que me dão sono o ritmo e a rima, por que a linguagem dos poetas me parece a menos interessante de todas as linguagens possíveis, por que essa Beleza é para mim tão pouco sedutora e por que não conheço, em termos de estilo, nada de pior, nada de mais ridículo que o jeito como os poetas falam de si mesmos e de sua Poesia?

Mas eu estaria até inclinado a reconhecer uma especial deformidade minha a esse respeito... se não fossem certas experiências... certas experiências

1 Tradução inédita do texto original “Przeciw poetom”, de GOMBROWICZ, Witold. *Dzieta* (tom VII) – *Dziennik: 1953-1956*, wydanie drugie; redakcja naukowa tekstu Jan Bloński. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1988.

científicas... Bacon, maldito na arte! Aconselho vocês a nunca tentarem fazer experiências no terreno da arte, porque esse domínio não as suporta – e todos os recitais a propósito dela só podem se salvar sob a condição de que ninguém seja tão indiscreto a ponto de espiar se eles coincidem mesmo com a realidade. Descobriríamos poucas e boas, por exemplo, se começássemos a investigar o quanto aquela pessoa que se encanta com Bach é capaz de fato de se encantar com ele, quer dizer, o quanto ela é capaz de apreender de música em geral e de Bach. Pois não tive a chance (muito embora eu não consiga tocar nem “o bife” ao piano) de dar, não sem êxito, dois concertos – concertos em que me pus a batucar no instrumento sem eira nem beira, após garantir-me o aplauso prévio de alguns iniciados na intriga e anunciar que eu tocaria música moderna? Que felicidade que todos esses que conferenciam sobre a arte à maneira sublime de Valéry não se abaxem para tais confrontações. Quem chega por esse lado à nossa missa estética descobre fácil que este reino de aparente maturidade é só o quintalzinho mais imaturo da humanidade, onde reinam o blefe, a mistificação, o esnobismo, a tapeação e a besteira. E vai ser uma boa ginástica para o nosso pensamento emperrado se às vezes imaginarmos o Paul Valéry em pessoa como um capelão da Imaturidade, um pároco descalço de cuecas.

Levei a cabo os seguintes experimentos: combinando frases soltas, ou fragmentos de frases de um poeta qualquer, construía um poema absurdo e depois o lia num círculo de admiradores sinceros como uma nova obra do

bardo – para o êxtase geral de todos os presentes; ou começava a interrogá-los de modo detalhado acerca desse ou daquele poema e constatava que os “admiradores” sequer o tinham lido até o fim. Mas e então? Tamanho êxtase e nem mesmo ler até o fim? Tanta volúpia com a “precisão matemática” da palavra poética e não perceber a salsicharia radical dessa precisão? Tanta sabença, tanta declamação sobre esses temas, tanto deleite com as sutilezas, os matizes, e ao mesmo tempo cometer pecados tão graves, tão elementares? Naturalmente, após cada um desses experimentos, erguiam-se enormes protestos e ofensas, e os admiradores juravam por todos os santos que não é nada disso... que pelo contrário... mas toda essa água mole não furava a pedra dura da Experiência.

Achei-me então em face do seguinte dilema: milhares de pessoas escrevem poemas; centenas de milhares adoram essa poesia; gênios formidáveis se expressaram em versos; há tempos imemoriais o Poeta é venerado – e diante dessa montanha de glória, eu, com a minha suspeita de que a missa poética é celebrada em pleno vazio. Ooo, se eu não conseguisse me divertir com essa situação, decerto estaria muito assustado.

Apesar disso, entretanto, minhas experiências deram-me força imensa ao espírito e com ainda mais ousadia comecei a procurar uma resposta para esta pergunta importuna: por que eu não gosto de poesia pura? Por quê? Não será pelas mesmas razões por que não gosto de açúcar em estado puro? O açúcar serve para adoçar o café, não para comer a colheradas num prato, como cevada. Na poesia pura, versificada, o

excesso cansa: o excesso de poesia, o excesso de palavras poéticas, o excesso de metáforas, o excesso de sublimação, o excesso, enfim, de condensação e de limpeza de todo elemento antipoético, o que faz os poemas parecerem um produto químico.

O canto é uma forma de expressão muito solene... Só que, ao longo dos séculos, multiplicam-se os cantores – cantando, eles são obrigados a assumir a postura do cantor – e essa postura com o correr do tempo se torna cada vez mais rígida. E um cantor incentiva o outro, um apóia o outro num esquecimento cada vez mais intransigente no canto, ah, eles já não cantam para a multidão, um canta para o outro; e entre eles, no caminho de uma incessante rivalidade, de um contínuo aperfeiçoamento no canto, cria-se uma pirâmide cujo topo alcança os céus e que admiramos daqui de baixo, da terra, empinando o nariz. E o que tinha de ser um vôo momentâneo da prosa virou programa, sistema, profissão – e hoje se é Poeta, assim como se é engenheiro ou médico. O poema ganhou medidas monstruosas e já não somos nós que o controlamos, mas ele a nós. Os Poetas tornaram-se escravos – e poderíamos definir o poeta como o ser que já não pode expressar a si mesmo, porque precisa expressar o Poema.

E contudo talvez não possa haver na arte uma tarefa mais importante do que esta: expressar a si mesmo. Não deveríamos nunca perder de vista a verdade de que todo estilo, toda postura definida se forma por eliminação e no fundo é um empobrecimento. Não deveríamos, por isso, nunca permitir que uma postura qualquer reduzisse demais as nossas possibilidades, tornando-se uma mordança na boca – e

quando se trata de uma postura tão artificial, quase pretensiosa mesmo, como a do “cantor”, seria preciso estar ainda mais alerta. Porém nós, até aqui, com respeito à arte, dedicamos muito mais tempo e esforço ao aperfeiçoamento nesse ou naquele estilo, nessa ou naquela postura, do que à conservação, em relação a eles, da liberdade e da soberania interior para elaborar uma relação adequada entre nós e nossa postura. Poderia parecer que a Forma é para nós um valor em si mesma, independentemente de quanto nos enriquece ou empobrece. Como fanáticos aperfeiçoamos a arte, mas não nos preocupamos muito com perguntar em que grau ela conservou ainda alguma ligação conosco. Cultivamos a Poesia, desatentos de que o belo não necessariamente precisa ter “cara boa”. Se então queremos que a cultura não perca toda a ligação com o indivíduo humano, devemos interromper às vezes nossa esforçada criatividade e verificar se o que produzimos nos exprime.

Existem dois tipos contraditórios de humanismo: um, que poderíamos chamar de religioso, tenta jogar o homem de joelhos frente à obra da cultura humana, obriga-nos a adorar e respeitar, por exemplo, a Música, ou a Poesia, ou o Estado, ou a Divindade; o outro, porém, corrente mais indócil de nosso espírito, se esforça ao contrário para devolver ao homem sua soberania e independência em relação a esses Deuses e Musas que, afinal, são obra dele, do homem. Nesse último caso a palavra “arte” se escreve com minúscula. E é indubitável que o estilo capaz de abranger ambas essas tendências é mais pleno, mais autêntico e reflete com maior precisão a antinomia de nossa

natureza, do que o estilo extremado e cego que exprime apenas um daqueles dois pólos de nosso sentimento. Mas, de todos os artistas, talvez sejam os poetas a cair com mais insistência de joelhos – eles rezam mais – são sacerdotes *par excellence* e *ex professio*, e a Poesia, nesse sentido, torna-se apenas celebração. Justamente essa exclusividade faz com que o estilo e a postura dos poetas sejam de uma insuficiência tão drástica, sejam tão repletos de nada.

Falemos ainda um momento sobre estilo. Dissemos que o artista deve expressar a si mesmo. Porém, expressando a si mesmo, ele deve cuidar também para que seu modo de falar esteja de acordo com a sua situação real no mundo, ele deveria comunicar não só a sua própria relação com o mundo, mas a relação do mundo com ele. Se sou covarde, e assumo um tom heróico, cometo um erro de estilo. Mas se me expresso como se fosse respeitado e amado por todos, quando na realidade não me prezam nem gostam de mim, também cometo um erro de estilo. Se no entanto queremos nos dar conta de nossa situação real no mundo, não podemos evitar o confronto com outras realidades, diversas da nossa. O ser humano que se formou apenas em contato com pessoas semelhantes a si mesmo, que é produto exclusivamente de seu próprio meio, terá um estilo mais limitado, pior do que aquele outro que se beneficiou da experiência de diversos meios e pessoas. E eis que nos poetas incomoda não só essa beatice deles, sem nenhum tipo de compensação, essa entrega absoluta à Poesia, mas ainda sua política de avestruz em relação à realidade: pois eles

se protegem da realidade, não querem vê-la, nem reconhecê-la, obrigam-se de bom grado a um estado de atordoamento que não é força, mas sim fraqueza.

Mas os poetas não criam para os poetas? Eles não procuram apenas adeptos, quer dizer, pessoas assim como eles mesmos? Esses poemas não são apenas o produto de um certo pequeno grupo? Eles não são herméticos? Evidentemente, eu não os acuso de serem “difíceis” – não exijo que escrevam “de modo compreensível para todos”, nem que se acoitem sob a palha das choupanas. Isso equivaleria a reivindicar que de boa vontade abrissem mão dos valores mais importantes, como a consciência, o entendimento, uma sensibilidade maior e um saber mais profundo sobre a vida e o mundo, para se rebaixar ao nível médio – ooo, não, nunca concordará com isso nenhuma arte que se respeita! Quem é inteligente, sutil, sublime e profundo deve falar de modo inteligente e sutil e profundo, e quem é refinado deve falar de modo refinado – pois a superioridade existe e ela não existe para se rebaixar. Não é portanto ruim que os poemas contemporâneos não sejam acessíveis a qualquer um, mas é ruim que eles nasçam do convívio unilateral e estreito de mundos idênticos, de pessoas idênticas. Entretanto, eu mesmo sou um autor que defende com obstinação seu próprio nível – mas ao mesmo tempo (menciono isso para que não seja acusado de praticar o gênero que combato), minhas obras nem por um instante se esquecem de que além do meu mundinho existem ainda outros mundos. E se não escrevo para o povo, escrevo contudo como alguém

ameaçado por ele, ou então dependente do povo, ou criado por ele. Nunca tampouco me veio à cabeça assumir a pose do “artista”, do “escritor”, do criador maduro, reconhecido, atuando pelo contrário exatamente no papel de candidato a artista, sou aquele que apenas deseja ser maduro – num conflito incessante e pertinaz com tudo que freia meu desenvolvimento. E a minha arte ganhou forma não em contato com um grupo de pessoas aparentadas a mim, mas justamente em referência ao inimigo e no contato com ele.

Os poetas no entanto? Será o poema capaz de resistir, se cai nas mãos de um não-amigo-do-poeta, mas de um inimigo, um não-poeta? Como qualquer outro enunciado, o poema deveria ser concebido e realizado de modo que não trouxesse desonra a seu criador nem mesmo quando não tivesse de agradar a ninguém. Mais ainda, é preciso que os poemas não desonrem seu criador também naquele caso em que a ele mesmo – o criador – eles não agradam. Pois nenhum poeta é exclusivamente poeta e em cada poeta vive um não-poeta, que não canta e não gosta do canto... e o homem é coisa mais vasta que o poeta. Mas o estilo nascido entre os adeptos de uma mesma religião morre em contato com a turba dos infieis; é incapaz de se defender, e de lutar; é incapaz de uma vida verdadeira; é um estilo limitado.

Permitam que eu mostre a vocês a cena seguinte... Vamos imaginar que num grupo de algumas dezenas de pessoas uma delas se levanta e começa a cantar. O canto chateia a maioria dos ouvintes, mas o cantor não quer se dar conta disso, não, ele se comporta como

se entusiasmasse, exige que todos caiam de joelhos diante do Belo, requer um reconhecimento absoluto para seu papel de Bardo; e muito embora ninguém dê maior importância ao seu canto, ele faz uma cara como se cada palavra sua tivesse um significado decisivo para o mundo, cheio de fé na sua Missão Poética, troa, ribomba, tropeja, ensandece no vazio; e, ainda mais, não quer admitir diante das pessoas, nem diante de si próprio, que até a ele mesmo o canto chateia, cansa, atormenta – pois, enfim, ele não se expressa livremente, nem naturalmente, nem diretamente, mas sim numa forma herdada de outros poetas, que já perdeu há muito tempo o contato com o sentimento humano imediato; e eis que ele não apenas apregoa a Poesia, mas se encanta com ela, sendo Poeta, adora a grandeza e a importância do Poeta, não só exige que os outros caiam diante dele de joelhos, mas ele próprio se ajoelha diante de si mesmo. Não é possível dizer de tal homem que ergueu um peso demasiado grande em seus ombros? Porque ele não só acredita no poder da poesia, mas impõe a si mesmo essa fé, ele não só se oferece aos outros, mas obriga-os a consumir, feito uma hóstia, essa dádiva divina. Num estado de espírito tão hermético, onde pode surgir alguma brecha, pela qual irromperia a vida de lá de fora? E não falo aqui de um cantorzinho qualquer de terceira categoria, não, trata-se também dos mais célebres, dos melhores poetas.

Se o poeta soubesse tratar seu canto como uma mania, ou como um rito, se eles cantassem como quem *precisa* cantar, embora saibam que cantam no vazio. Se em lugar desse orgulhoso “eu,

Poeta” fossem capazes de pronunciar essas palavras com vergonha, ou com medo... ou até com repugnância... Mas não! O Poeta precisa adorar o Poeta!

Assim, essa impotência em face da realidade caracteriza de modo esmagador o estilo e a postura dos poetas. Entretanto, o homem que foge da realidade não encontra mais apoio em nada... ele se torna um joguete dos elementos. No instante em que os poetas perderam de vista o ser humano concreto, e fixaram os olhos na abstração da Poesia, nada mais já podia retê-los no plano inclinado que leva ao abismo do absurdo. Tudo começou a crescer por si mesmo. A metáfora, liberta de todo freio, mostrou as presas, enfureceu a tal ponto que hoje não há mais nada nos poemas, senão metáforas. A linguagem tornou-se ritual – essas “rosas”, esses “crepúsculos”, “saudades” e “dores”, que outrora tinham algum viço, tornaram-se em razão do absurdo puro som – e isto se refere também a esses “semáforos” mais modernos e outras “espirais”. O estreitamento da linguagem é acompanhado por um estreitamento do estilo, e em consequência disso os poemas hoje não passam de uma dúzia de “experiências” sacralizadas transmitidas nas combinações impertinentes de um dicionário mesquinho. Na medida em que o Estreitamento ficou cada vez mais Estreito, o Belo desenfreado ficou cada vez mais Belo, a Profundidade cada vez mais Profunda, a Nobreza cada vez mais Nobre, a Pureza cada vez mais Pura. Quando por um lado o verso desprovido de freio se expandiu até os limites de um gigantesco poema (semelhante a essas florestas conhecidas de fato apenas

por alguns exploradores), começou de outro a reduzir-se a medidas demasiado sintéticas e homeopáticas. Passou também a dedicar-se a invencionices e experimentos com uma careta de pavorosa iniciação – e essa orgia tediosa, repito, ninguém é capaz de fazer parar. Pois não se trata aqui de uma criatividade do homem para o homem, somente de um rito executado defronte de um altar. E entre dez poemas, pelo menos um será consagrado à adoração da Potência da Palavra Poética ou à glorificação da vocação do Poeta.

Essas indisposições doentias, convenhamos, não são exclusivas dos poetas. Na prosa também essa postura religiosa acarretou uma grande devastação e se consideramos obras como, por exemplo, *A morte de Virgílio* de Broch, ou *Ulisses*, ou alguns livros de Kafka, temos aquela mesma impressão – que a “eminência”, a “grandeza” dessas obras se realiza no vazio, que elas pertencem àqueles livros sobre os quais todo mundo sabe que são grandes... e que no entanto de algum modo nos são distantes, inacessíveis e frios... porque eles foram escritos de joelhos tendo em mente não o leitor mas a Arte, ou uma outra abstração qualquer. Essa prosa se originou daquele mesmo espírito que ilumina os poetas, ela é sem dúvida por sua própria natureza “prosa poética”.

Se deixamos de lado as obras e nos ocupamos das pessoas dos poetas e do mundinho que essas pessoas criam junto com seus adeptos e acólitos, fica tudo ainda mais estreito e abafado. Os poetas não só escrevem para os poetas, mas também glorificam-se mutuamente e mutuamente se prestam homenagem. Esse mundo, ou antes esse mundinho,

muito pouco se diferencia de outros mundinhos herméticos e especializados: os jogadores de xadrez consideram o xadrez o ápice da criatividade humana, possuem suas próprias hierarquias, falam de Capablanca com a mesma devoção com que os poetas de Mallarmé, e um confirma o outro no sentimento de sua própria importância. Mas os jogadores de xadrez não têm a pretensão a um papel tão universal, e o que se pode até lhes perdoar, nos poetas se torna imperdoável. Em consequência desse isolamento, tudo incha e mesmo poetas medíocres inflam-se de modo apocalíptico, e probleminhas fúteis ganham uma importância estonteante. Lembremos apenas as terríveis polêmicas a respeito das assonâncias, o tom em que se discutiu esse assunto – parecia então que os destinos da humanidade dependiam da possibilidade de rima entre “esqueça” e “cabeça”. Eis o que acontece, quando o espírito coletivo prevalece sobre o espírito universal.

Outro fato, não menos comprometedor, é o número de poetas. Aos excessos mencionados acima junta-se ainda o excesso de bardos. Essas cifras ultra-democráticas implodem de dentro a aristocrática e soberba torre poética – e de fato é bastante engraçado vê-los todos juntos nalgum congresso: que multidão de seres excepcionais! Mas a arte que se celebra no vazio não é o terreno ideal para aqueles mesmos que não são nada, cuja personalidade vazia se alimenta com êxtase nessas formas raquíticas? Porém, na verdade, ridículas são essas críticas, esses artiguinhos, aforismos, ensaios que aparecem na imprensa a respeito de poesia. Isto é que é chover no molhado – mas ao mesmo

tempo é um chuvisco bombástico e já tão ingênuo, tão infantil, que é quase impossível acreditar que os amanuenses da escrita não tenham sentido todo o ridículo dessa crítica. Até hoje esses estilistas não entenderam que não se pode falar de poesia num tom poético e seus jornaizinhos rebentam de tais elucubrações poéticas. Grande também é o ridículo que acompanha os recitais, concursos e manifestos, no entanto, talvez já não valha a pena alongar-se sobre isso.

Julgo ter explicado mais ou menos porque a poesia versificada não me atrai. E por que os poetas – que se entregaram inteiramente à Poesia – e sujeitaram por completo a essa Instituição suas próprias vidas, esquecendo da existência do ser humano concreto e fechando os olhos à realidade – encontraram-se (há séculos) numa situação catastrófica. Apesar das aparências de triunfo. Apesar de toda a pompa do cerimonial.

Porém devo ainda refutar certa acusação.

Somente uma cegueira voluntária pode explicar o inaudito simplismo com que se protegem os poetas (pessoas em geral não imbecis, mas ingênuas) quando se aborda a sua arte. Muitos deles procuram socorro na declaração de que escrevem poemas para seu próprio prazer – como se todo o seu comportamento não desmentisse essa afirmação. Há outros que sustentam com gravidade que escrevem para o povo e que suas requintadas charadas são o alimento espiritual dos simples. Todos porém acreditam inflexivelmente na ressonância social da poesia e será difícil para eles entender de que modo é possível atacá-los por esse flanco. Vão dizer: “Mas

como! O senhor duvida? O senhor não vê as multidões que tomam parte em nossos recitais? O número de edições que alcançam nossos livrinhos? Os estudos, os artigos, as teses que foram escritas sobre nós? A admiração de que são cercados os poetas célebres? Mas é o senhor mesmo que não quer ver o que é...”

Que lhes responderei? Que tudo isso é... ilusão. É verdade que há multidões nos recitais, mas também é verdade que nem mesmo um ouvinte muito cultivado é capaz de entender o poema declamado num recital. Quantas vezes não tive oportunidade de assistir a essas sessões insuportáveis, na quais se recitava um poema atrás do outro – e cada um deles precisaria ser lido no mínimo três vezes com a maior atenção possível para que se decifrasse em linhas gerais o seu conteúdo. No que diz respeito às edições, sabemos que milhares de livros são comprados para jamais serem lidos. Sobre poesia escrevem, como já dissemos, poetas. E a admiração? Os cavalos de corrida não despertam um interesse ainda maior. Mas o que essa predisposição esportiva com que assistimos a qualquer rivalidade e todas essas ambições – nacionais e outras – que acompanham as corridas têm a ver com a verdadeira comoção artística?

Entretanto essa resposta, embora certa, não seria suficiente. O problema do nosso convívio com a arte é muito mais profundo e complicado. E é indubitável, pelo menos em meu entendimento, que, se queremos compreender alguma coisa disso tudo, precisamos romper inteiramente com a idéia demasiado fácil de que “a arte nos encanta” e de que “nos deleitamos com a arte”. Não, a arte só nos encanta até certo ponto, e as delícias que nos

proporciona são bem duvidosas... E pode ser diferente, se o convívio com a grande arte é um convívio difícil e cansativo com pessoas adultas, de alcance mais amplo e sensibilidade mais poderosa? Não nos deleitamos, apenas tentamos nos deleitar... não compreendemos... tentamos compreender...

Como é superficial a idéia, segundo a qual esse complexo fenômeno se reduz à simples fórmula: a arte nos encanta porque é bela. “Ah, há tantos esnobes, mas eu não sou esnobe, eu reconheço sinceramente se alguma coisa não me agrada” – diz essa singeleza d’alma e lhe parece que tudo já está resolvido.

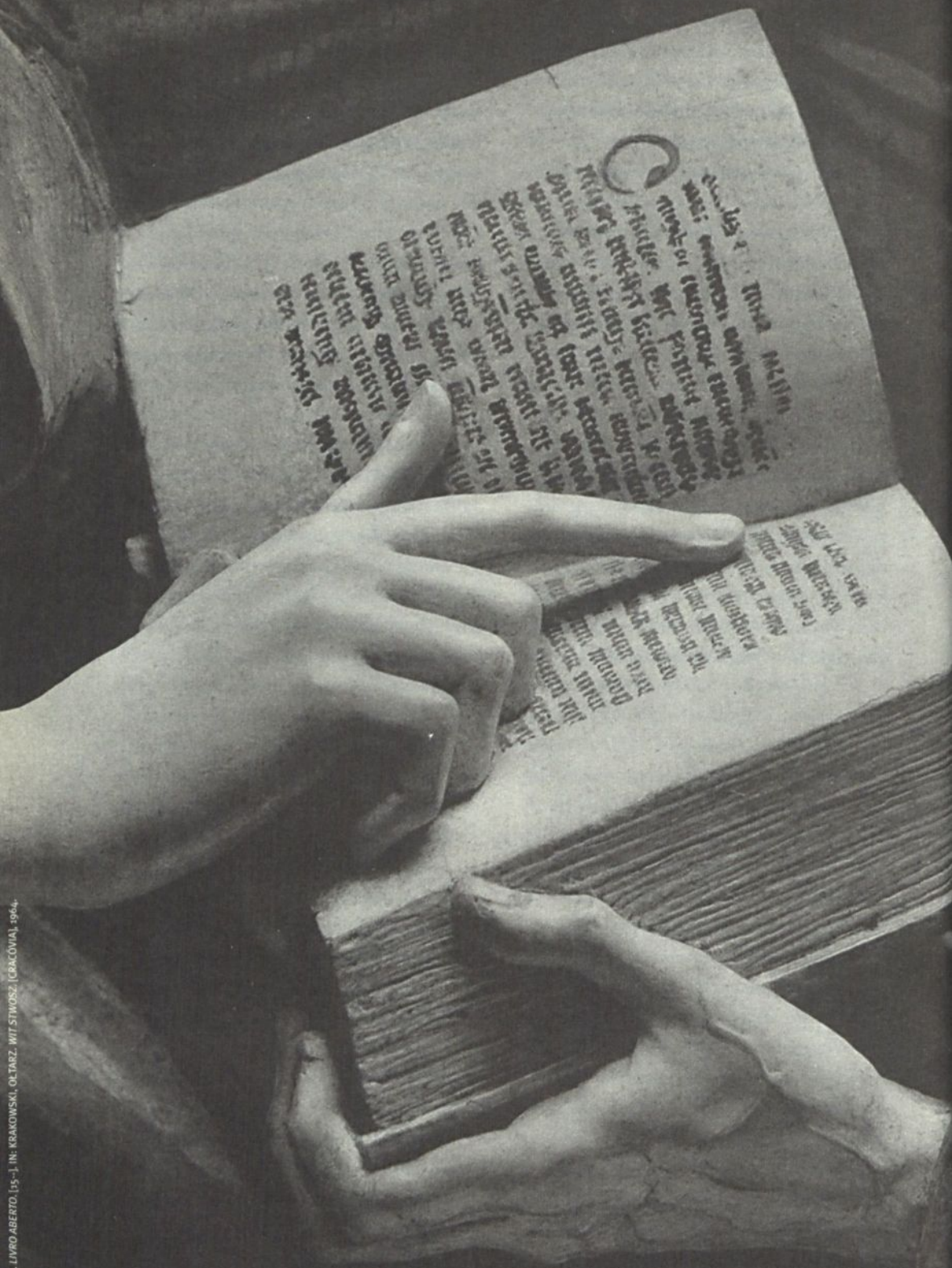
E, no entanto, nitidamente fazem-se notar aqui fatores que não têm relação nenhuma com a estética. Você pensa que se não nos obrigassem na escola a nos encantarmos com a arte, teríamos para ela, na idade adulta, tanto êxtase de prontidão? Supõem que se toda a nossa organização cultural não nos impusesse a arte – nos interessaríamos assim por ela? Não se alimenta nessa admiração nossa necessidade de mito, de adoração, e adorando os grandes não ficamos nós mesmos um pouco maiores? Mas sobretudo, esse sentimento de admiração, de encanto, nasce “de nós”, ou “entre nós”? Se num concerto eclode uma estrondosa salva de palmas isto de modo nenhum quer dizer que cada uma das pessoas a aplaudir estava encantada. Um aplauso tímido provoca outro – excitam-se mutuamente – e cria-se ao fim uma situação em que cada um precisa se conformar interiormente com o delírio coletivo. Todos “se comportam” como se estivessem encantados, embora “na verdade”, pelo menos àquele ponto, ninguém esteja encantado.

Seria então um erro, uma ingenuidade digna de lástima, se exigíssemos do poema, ou de qualquer outra forma de arte, que fosse assim, simplesmente, uma fonte do deleite humano. E se encarmos desse ponto de vista o mundo dos poetas e seus adoradores, então todos os seus absurdos e ridículos vão parecer justificados: porque supostamente tem de ser assim e está de acordo com a ordem natural das coisas que a arte, bem como o encanto que ela desperta, sejam antes a obra de um espírito coletivo do que a reação imediata de um indivíduo.

E no entanto – não. E no entanto também essa abordagem não consegue salvar os poetas, nem trazer um corado de vida e realidade à sua poesia. Pois se é essa mesma a realidade, então em todo caso eles não se dão conta dela. Para eles tudo não passa de: *o cantor canta,*

e o ouvinte, encantado, ouve. Óbvio que se fossem capazes de reconhecer essas verdades e de extrair delas todas as conseqüências, mudaria radicalmente a sua própria relação com o canto. Porém fiquem tranqüilos: nada nunca mudará nos poetas. E não tenham a ilusão de que em face dessas forças coletivas que falsificam nossa percepção individual, eles vão mostrar um dia alguma vontade de resistência – para que ao menos a arte não fosse mentira e cerimonial, mas sim um encontro verdadeiro do homem com o homem. Não, esses monges preferem se ajoelhar.

Monges? Isso não quer dizer que eu seja adversário do Senhor Deus, ou de suas numerosas congregações. Mas até a religião morre no instante em que se transforma em rito. Com displicência demais sacrificamos nesses altares a autenticidade e o peso de nossa existência.



A MODERNA POESIA DA POLÔNIA

ALEKSANDER WAT

CZESŁAW MIŁOZ

TADEUSZ RÓZEWICZ

TYMOTEUSZ KARPOWICZ

MIRON BIAŁOSZEWSKI

WISŁAWA SZYMBORSKA

ZBIGNIEW HERBERT

STANISŁAW GROCHOWIAK

ADAM ZAGAJEWSKI

STANISŁAW BARAŃCZAK

Se a expressão “existe” deve ter algum sentido,
então convém que se refira a algo a que seja possível voltar.
No entanto não há volta. Tudo é uma só vez
e antes que o “existir” tenha começado já deixou de “existir”
(atenção: “tenha começado”, “deixou” são igualmente sem fundamento),
e a alternância “é” e “não é” não é uma seqüência no tempo,
ela acontece além do tempo – desde que “acontece”
possa se aplicar aqui.

Portanto
voltemos de novo
à essência. Pois com ela estamos mais seguros.
Pois nós a criamos. Ela não depende
nem do que “é”, nem do que “não é”.

Como é bom voltar aos velhos conceitos desprezados!
(Obs. É corrente o sentido desse “voltemos”.

Assim por exemplo voltou

Ulisses para Penélope, para ela que sabe o segredo:
que é preciso tecer e desfilar. E de novo tecer e desfilar.)

Tradução inédita de MARCELO PAIVA DE SOUZA

(Poema original sem título, em *Poezje*. Warszawa: Czytelnik, 1997.)

Poeta

O poeta é aquele, pensei, que veio sem ser convidado
para o banquete dos Filistinos?
E colocou-se à cabeceira da mesa,
o cabelo feito um capacete,
oh, como domina a assembléia dos Filistinos armados!
Ele chega de partes onde nenhum deles esteve
e nunca estará.
Onde as coisas finais chocam-se
e fendem como montanhas glaciais
e afundam ou,
ou vão flutuando embora
ao encontro de novos nascimentos e pores do sol,
que nenhum deles verá.
Ele podia levar diante de si seu desprezo como duas tochas –
mas num olho incandesceu amor
e noutra fúria.
Ele podia, dos pássaros assados sobre travessas de ouro,
predizer-lhes seu triunfo, ou sua derrota. Derrota, muitas derrotas.
Ele podia gritar e com seu punho de pedra
partir suas mesas ao meio,
rasgar suas armaduras de cobre.
Porque veio sem se deixar convidar... Ou –
podia ele mesmo assumir a forma de uma cerceta branca
e com um só movimento das asas
voar embora, depois cair como pedra
nas águas negras
nas ondas escarlates
do Estige... Ou, ou
nas águas puras
e distantes
da terra
natal.

Vésperas em Notre-Dame

Entra na catedral ao crepúsculo de verão
quando tocam Bach: sois tranquille
sois tranquille, mon âme...

O coral dos vitrais, o luzir das coroas,
línguas chamejantes de cem mil velas
agitarão no ar aquele pólen de cor,
laicizado de maneira tão chã
pelos pintores pós-impressionistas...

Não, não é isso! A luz – Espírito Santo
irrompeu como tempestade através do vidro e do chumbo.
E quando se mistura com a harmonia de Bach,
suscita no ar gamas de cores,
onde cada cor é fogo diferente,
éon sonoro nos prismas do fogo
coral das cores, canto das chamas,
nuvem dos sons no fogo da catedral.

É fogo vivo. Renasce nele
a alma acoçada. Fênix morta.
Sois tranquille, mon âme... Sei ruhig, mein' Seel',
sei ruhig

Economia divina

Não achei que viveria momento tão singular.
Quando o Deus dos trovões e dos cumes rochosos,
O Senhor dos Exércitos, Kyrios Sabaoth,
Humilhasse mais duramente os homens,
Permitindo que agissem como bem quisessem,
Deixando-lhes as conclusões e não dizendo nada.
O espetáculo não lembrava, com efeito,
O ciclo de séculos das tragédias da realza.
Estradas sobre vigas de concreto, cidades de vidro e ferro fundido,
Aeroportos inda maiores que territórios tribais
De súbito careceram de fundamento e ruíram.
Não em sonho, mas à luz do dia, porque amputados de si
Duravam como só dura o que não deveria durar.
Das árvores, pedras do campo, até dos limões na mesa
Fugiu toda a matéria e seu espectro
Não era mais que o vazio, fumaça numa película.
Deserdado dos objetos pululava o espaço.
Toda parte era parte alguma e parte alguma, toda parte.
As letras dos livros se apagavam, vacilavam e sumiam.
A mão não lograva traçar o signo da palmeira, o signo do rio, nem o signo do íbis.
Num alarido de muitas línguas era anunciada a morte da palavra.
O lamento era proibido, porque só lamentava a si mesmo.
Acometidas de inexplicável tormento as pessoas
Despiam-se nas praças, para que sua nudez intimasse o juízo.
Mas em vão ansiavam por horror, piedade e fúria.
Pouco fundamentados
Eram o trabalho e o descanso
E o rosto e os cabelos e os quadris
E toda e qualquer existência.

Linhagem

A Jan Lebestein

Temos decerto muito em comum
Todos nós, que crescemos nas cidades barrocas
Sem indagar do rei fundador da igreja
Que vemos todos os dias, das princesas que moravam no palácio

Ou dos arquitetos e escultores, seus nomes,
Seu lugar e seu tempo, e o quanto foram famosos.
Preferimos jogar bola sob a fila dos pórticos lavrados,
Correr junto às sacadas e escadas de mármore.
Depois, nos eram mais agradáveis os parques sombreados
Do que o amontoado dos anjos de gesso lá em cima, sobre nossas cabeças.

Algo ficou, no entanto: a predileção da linha curva,
Altas espirais de opostos como chama,
E as mulheres enfeitadas em riquíssimos drapejos
Para dar brilho à dança dos esqueletos.

Tradução de HENRYK SIEWIERSKI e JOSÉ SANTIAGO NAUD (*Quatro poetas poloneses*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.)

Rios

Com nomes diversos só a vós glorifiquei, ó rios!
Vós sois o leite e o mel e o amor e a morte e a dança.
Nas grutas misteriosas, da fonte que lateja entre pedras cobertas de musgo,
Onde a deusa verte o seu jarro cheio de água viva,
Dos mananciais claros na relva, onde os duendes sussurram,
Começa o vosso curso e meu curso, êxtase e transitoriedade.
Desnudo, ergui o rosto para o sol, dirigindo meu rumo o remo compassado,
E passavam florestas de carvalho, as pradarias, o pinhal,
Cada curva abria à minha frente a terra da promessa,
O fumo das aldeias, rebanhos sonolentos, o vô das andorinhas, escarpas de areia.
Devagar, passo a passo, entrava em vossas águas
E a correnteza enlaçava-me os joelhos quedamente,
E eu me confiava a ela, que me levou, e fui nadando
Pelo grande céu do sul triunfante e espelhado.
Também estive em vossas margens no começo das noites de verão,
Quando surge a lua cheia e os lábios juntam-se no rito.
Ouço em mim como outrora esses murmúrios junto ao cais,
A chamada, um abraço e o alívio.
Partimos com o rebato do sino das cidades inundadas.
Os legados das antigas gerações saúdam os esquecidos.
E o vosso curso incessante leva além e além.
Nem é nem foi. Dura apenas o instante eterno.

Maria Madalena e eu

Os sete espíritos danados de Maria Madalena,
Dela expulsos pela oração do Mestre,
Adejam no ar em vôo de morcego,
Enquanto ela, sentada sobre uma perna
E a outra dobrada no joelho, fica olhando
O dedo maior do pé e a correia da sandália,
Como se visse tal espanto pela primeira vez.
Seu cabelo castanho enrola-se em anéis
E cobre-lhe as costas, fortes, quase másculas,
Pousando no ombro em um vestido azul escuro,
Debaixo do qual fosforece sua nudez.
O rosto algo pesado, e o pescoço preparando
A voz fosca, baixa, como que rouca.
Mas não vai dizer nada. Para sempre entre
O elemento da corporeidade e outro elemento,
O da esperança, assim ficará, e no canto do quadro
As iniciais do pintor que a desejava.

Tradução de HENRYK SIEWIERSKI e JOSÉ SANTIAGO NAUD (*Quatro poetas
poloneses*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.)

Leituras

Me perguntaste sobre a vantagem de ler os Evangelhos em grego.
 Te respondo que convém percorrermos
 Com o dedo letras mais duráveis que as gravadas em pedra,
 E pronunciando devagar esses sons
 Conhecermos a verdadeira dignidade da fala.
 Forçado pela atenção, aquele tempo será
 Como o tempo de ontem, apesar das caras de César
 Serem hoje outras nas moedas. Tal éon perdura,
 Medo e desejo são iguais, azeite, vinho
 E pão dizem o mesmo. Também a multidão volúvel
 Ávida por milagres como outrora. Até os costumes,
 As festas de bodas, os remédios e os lamentos lúgubres
 Diferem só na aparência. Por exemplo, naquele tempo
 Também houve muitos chamados no texto
Daimonizomenoi, isto é, os que endemoninham
 Ou endemoninhados (porque “possessos”
 Os denomina nossa língua por fantasia do dicionário).
 Espasmos, espuma na boca e ranger de dentes
 Não passavam então por sintomas de talento.
 Os endemoninhados não dispunham de revistas nem de *écrans*,
 Raramente mexiam com arte e literatura.
 Mesmo assim a parábola sobre eles continua vigente:
 O espírito que os domina pode entrar nos porcos,
 Que desesperados pelo choque repentino
 Entre as duas naturezas, a deles e a de Lúcifer,
 Atiram-se na água e se afogam. E tudo se repete sem parar.
 Assim, em cada página, o leitor persistente
 Enxerga os vinte séculos como vinte dias
 De um éon que certa vez teve o seu fim.

Mestre do meu ofício

À memória de Jarosław Iwaszkiewicz

Seus poemas me seduziam pelas cores puras
Ou por sua paixão pela morte?
Porque sem dúvida era apaixonado pela morte.
Era ela a verdade e o conteúdo da ilusão de existir.

*Ela toma
O rosa dourado das torres,
O verde pálido dos mármorees,
O violeta dos céus,
O vermelho das passagens das flautas.*

Ela cala para sempre o grito do amor:

*“No nevoeiro lilás das cinzas,
Entre restolhos e grises,
Tal como nódoa alaranjada
A sarça ardente de tua nudez.”*

* * *

Agora vejo que na doçura dionisiaca de morrer há algo de impudente.

A finitude de pessoas e coisas não é o único mistério do tempo.

Que desafia a vencermos a tentação de nossa subserviência.

E à beira mesma do abismo pôr a mesa, sobre ela o copo, o cântaro e duas maçãs,

A fim de que celebrem o inatingível Agora.

No meio da vida

Depois do fim do mundo
depois da morte
me achei no meio da vida
criava a mim mesmo
construía a vida
gente animais paisagem

isto é uma mesa eu dizia
isto é uma mesa
sobre a mesa repousam o pão a faca
a faca serve para cortar o pão
a gente se alimenta de pão

é preciso amar o homem
eu aprendia de noite e de dia
o que é preciso amar
eu respondia o homem

isto é uma janela eu dizia
isto é uma janela
além da janela é o jardim
no jardim eu vejo uma macieira
a macieira floresce
caem as flores
os frutos se formam
amadurecem

meu pai colhe a maçã
aquele homem que está colhendo a maçã
é meu pai

eu ficava sentado na soleira da casa
aquela velha que
puxa um bode pela soga
é mais necessária
e mais valiosa
do que as sete maravilhas do mundo

quem pensar e sentir
que ela não é necessária
esse é um genocida
isto é um homem
isto é uma árvore isto é um pão

os homens se alimentam para viver
eu repetia a mim mesmo
a vida humana é importante
a vida humana tem um grande peso
o valor da vida
ultrapassa o valor de qualquer objeto
que o homem fez
o homem é um grande tesouro
eu repetia contumaz

isto é água eu dizia
alisava as ondas com a mão
e falava com o rio
água dizia eu
água boa
isto sou eu

o homem falava à água
falava à lua
às flores à chuva
falava à terra
às aves
ao céu

o céu se calava
se calava a terra
se ele ouvia a voz
que subia
da terra da água e do céu
isto era a voz de outro homem

Reabilitação post-mortem

Os mortos lembram-se
de nossa indiferença
os mortos lembram-se
de nosso silêncio
os mortos lembram-se
de nossas palavras

Os mortos vêm as nossas caras
distendidas de orelha a orelha
os mortos vêm os nossos
corpos que se esfregam
os mortos ouvem
o ruído de nossas línguas

os mortos lêem os nossos livros
ouvem os nossos discursos
pronunciados há muito
os mortos analisam os relatórios
participam de discussões
já encerradas
os mortos vêm as nossas mãos
prontas para aplaudir

os mortos enxergam estádios
corais conjuntos em escansão

todos os vivos são culpados

culpadas são as crianças pequenas
que entregavam buquês de flores
culpados são os amantes
culpados são

culpados são aqueles que fugiram
e aqueles que ficaram
aqueles que disseram sim
aqueles que disseram não
e aqueles que nada falaram

os mortos estão contando os vivos
os mortos não haverão de reabilitar-nos

Tradução de ALEKSANDAR JOVANOVIĆ (*Céu vazio: 63 poetas eslavos*. São Paulo: Hucitec, 1996.)

Esboço para um moderno poema erótico

Entretanto a brancura
pode ser descrita melhor pelo gris
o pássaro por uma pedra
girassóis
no inverno

os antigos poemas eróticos
costumavam ser descrições do corpo
descreviam isto e aquilo
por exemplo pestanas

entretanto a cor vermelha
deveria ser descrita
pelo gris o sol pela chuva
as papoulas no outono
os lábios pela noite

a mais plástica
descrição do pão
é a descrição da fome
há nela
um cerne úmido e poroso
um morno interior
girassóis na noite
os seios o ventre as coxas de Cibele

uma original
cristalina descrição
da água
é a descrição da sede
da cinza
do deserto
provoca fada-morgana
nuvens e árvores entrando
num espelho

Carência fome
ausência
do corpo
é a descrição do amor
é um moderno poema erótico

Tradução de HENRYK SIEWIERSKI e JOSÉ SANTIAGO NAUD (*Quatro poetas
poloneses*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.)

Minha poesia

não justifica nada
não explica nada
não renuncia a nada
não abarca o todo
não realiza a esperança

não cria novas regras de jogo
não participa da festa
tem lugar circunscrito
que precisa preencher

se não é fala esotérica
nem fala original
se não espanta
está claro que assim é preciso

é obediente à própria fatalidade
suas próprias possibilidades
e limitações
perde para si mesma

não entra em lugar de outra
nem por outra pode substituir-se
aberta para todos
desprovida de mistério

tem muitas tarefas
que nunca poderá cumprir

Entre tantas tarefas

Entre tantas tarefas
tão urgentes
esqueci que
também é preciso
morrer

leviano
descuidei dessa obrigação
ou só a cumpri
negligentemente

a partir de amanhã
tudo muda

começo a morrer com cuidado
com sapiência otimismo
sem perda de tempo

Tradução inédita de MARCELO PAIVA DE SOUZA (Poema original, "Wśród wielu zajęć", extraído de Tadeusz Różewicz. *Poezje wybrane*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1994.)

O sonho do lápis

Quando o lápis se despe para o sono
feito pedra ele decide
dormir rijo
e preto

ajuda-lhe nisso
a inflexibilidade inata
de cada medula do mundo
a medula espinhal do lápis
quebra mas não se curva

nunca haverá de sonhar
com ondas cabelos
só com soldados alertas de pé
ou caixões

o que se põe nele
é reto
o mais é torto
boa noite

Sonho

que coisa terrível sonhou o poeta
para saltar do sonho
feito corça da floresta que arde

a borboleta de sua metáfora
cobriu-o com as asas

e a fechadura descrita
mexeu-se na porta

Uma lição de silêncio

Quando uma borboleta
batia suas asas
forte demais, gritavam-lhe:
Silêncio, por favor!

Se um pássaro assustado
roçava a pluma num
raio de sol, gritavam-lhe:
Silêncio, por favor!

Assim os elefantes
aprenderam a andar
sem som sobre o tambor –
os homens, sobre a terra.

As árvores nos campos
se erguiam silenciosas
como os cabelos quando
se eriçam de terror.

Auto-retrato

Fitam-me.
Portanto devo ter uma face.

De todos os rostos conhecidos
o que menos recordo é o meu.

Freqüentes vezes,
as mãos adquirem vida própria.
Talvez nem as considere minhas então.

.....

Onde são as minhas fronteiras?

.....

Cresci sozinho todo
movimento e semivida.

Ainda assim
a existência
sempre se arrasta dentro de mim
completa ou incompleta.

Carrego em mim
uma espécie de
lugar próprio.
Quando o perder
não mais existirei

.....

não existo
logo não desconfio.

Utopia

Ilha na qual tudo se explica.

Aqui se pode pisar o chão das provas.

Não há outros caminhos a não ser o do acesso.

Os arbustos até se vergam ao peso das respostas.

Aqui cresce a árvore da Justa Suposição
Com os ramos há séculos desenleados.

Deslumbrantemente simples a árvore do Entendimento
Ao pé da fonte que se chama Então é Isso.

Quanto mais na floresta, mais largamente se abre
O Vale da Evidência.

Qualquer dúvida, o vento a dissipa.

Sem apelo o eco toma a palavra
E de bom grado explica os mistérios dos mundos.

À direita a caverna onde jaz o sentido.

À esquerda a lagoa da Profunda Convicção.
Do fundo desprende-se a verdade, e vem levemente à tona.

Domina o vale a Certeza Impassível.
Do seu pico espalha-se a essência das coisas.

Apesar das suas seduções, a ilha está deserta
e pegadas miúdas visíveis nas margens
voltam-se em direção ao mar.

Como se daqui apenas se partisse
e sem retorno se mergulhasse na profundez.

Na vida inconcebível.

Tradução HENRYK SIEWIERSKI e JOSÉ SANTIAGO NAUD (*Quatro poetas
poloneses*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.)

Tortura

Nada mudou.

O corpo sente dor,
tem que comer, respirar, dormir,
a pele fina, o sangue sob a pele,
um bom estoque de dentes e unhas,
os ossos frágeis,
as juntas que se distendem.
Na tortura tudo isto conta.

Nada mudou.

O corpo treme como tremia
antes da fundação de Roma e depois,
no século vinte antes e depois de Cristo.
A tortura existe como existia, apenas o mundo ficou menor
e tudo que acontece, acontece como ali ao lado.

Nada mudou.

Apenas há mais gente.
Além das velhas acusações, surgem outras,
verdadeiras, imaginárias, efêmeras, ou nenhuma,
mas o grito com que o corpo responde
foi, é e será o grito da inocência
na mesma escala imemorial e no mesmo tom.

Nada mudou.

Talvez os costumes, as cerimônias, talvez as danças.
O gesto das mãos protegendo a cabeça ainda é o mesmo.
O corpo se contorce, se estica, luta,
derrubado cai, se dobra, roxo,
incha, baba e sangra.

Nada mudou.

Apenas a linha de fronteiras,
de florestas, costas, desertos e icebergues.
Nestas paisagens a alma perambula,
desaparece, volta, se aproxima e se distancia,
desconhecida de si mesma, esquiva,

às vezes certa, às vezes incerta da sua própria existência,
enquanto o corpo é e é e é,
e não tem para onde ir.

Tradução de ANA CRISTINA CESAR e GRAZYNA DRABIK (*Aproximações*, Brasília/Lisboa/Cracóvia, n. 2, 1988.)

O terrorista, ele observa

A bomba explodirá no bar às treze e vinte.
Agora são apenas treze e dezesseis.
Alguns terão ainda tempo para entrar;
alguns, para sair.

O terrorista já está do outro lado da rua.
A distância o protege de qualquer perigo.
E, bom, é como assistir a um filme.

Uma mulher de casaco amarelo, ela entra.
Um homem de óculos escuros, ele sai.
Jovens de jeans, eles conversam.
Treze e dezesseis e quatro segundos.
Aquele mais baixo, ele salvou-se, sai de lambreta.
E aquele mais alto, ele entra.

Treze e dezessete e quarenta segundos.
A moça ali, ela tem uma fita verde no cabelo.
Mas o ônibus a encobre de repente.
Treze e dezoito.
A moça sumiu.
Era tola o bastante para entrar, ou não?
Saberemos quando retirarem os corpos.

Treze e dezenove.
Ninguém mais parece entrar.
Um careca obeso, no entanto, está saindo.
Procura algo nos bolsos e
às treze e dezenove e cinqüenta segundos
ele volta para pegar suas malditas luvas.

São treze e vinte.
O tempo, como se arrasta.
É agora.
Ainda não.
Sim, agora.
A bomba, ela explode.

Tradução de NELSON ASCHER (*Poesia alheia: 124 poemas traduzidos*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.)

Primeira foto de Hitler

E quem é essa gracinha de tip-top?
É o Adolfinho, filho do casal Hitler!
Será que vai se tornar um doutor em direito?
Ou um tenor da ópera de Viena?
De quem é essa mãozinha, essa orelhinha, esse olhinho, esse narizinho?
De quem essa barriguinha cheia de leite, ainda não sabemos:
De um tipógrafo, padre, médico, mercador?
Quais caminhos percorrerão estas pernocas, quais?
Irão para o jardimzinho, a escola, o escritório, o casório
com a filha do burgomestre?

Anjinho, pimpolho, docinho de coco, raiozinho de sol,
quando chegou ao mundo um ano atrás,
não faltaram sinais na terra nem no céu:
gerânios na janela, um sol primaveril,
a música de um realejo no portão,
votos de bom augúrio envoltos em papel crepom rosa.
Pouco antes do parto, o sonho profético da mãe:
sonhar com uma pomba – sinal de boas novas,
se for pega – vem uma visita muito esperada.
Toc, toc, quem é, é o coraçãozinho do Adolfinho que bate.

Fralda, babador, chupeta, chocalho,
o menino, com a graça de Deus e bate na madeira, é sadio,
parecido com os pais, com um gatinho na cestinha,
com os bebês de todos os outros álbuns de família.
Não, não vai chorar agora,
o fotógrafo atrás do pano preto vai fazer um clique.

Ateliê Klinger, Grabenstrasse Braunau,
e Braunau é uma cidade pequena, mas respeitada,
firmas sólidas, vizinhos honestos,
cheiro de massa de pão e de sabão cinzento.
Não se ouve o ladrar dos cães nem os passos do destino.
Um professor de história afrouxa o colarinho
e boceja sobre os cadernos.

Tradução de REGINA PRZYBYCIEN (*Oroboro*, Curitiba, n. 4, jun./jul./ago. 2005.)

Fim e começo

Depois de cada guerra
alguém tem que fazer a faxina.
Colocar uma certa ordem
que afinal não se faz sozinha.

Alguém tem que jogar o entulho
para o lado da estrada
para que possam passar
os carros carregando os corpos.

Alguém tem que se afundar
no lodo e nas cinzas
em molas de sofás
em cacos de vidro
e em trapos ensangüentados.

Alguém tem que erguer a viga
para apoiar a parede,
pôr a porta nos caixilhos,
envidraçar a janela.

A cena não rende foto
e pode levar anos.
E todas as câmeras já debandaram
para outra guerra.

As pontes têm que ser refeitas,
e também as estações.
De tanto arregaça-las,
as mangas ficarão em farrapos.

Alguém de vassoura na mão
ainda recorda como foi.
Alguém escuta
meneando a cabeça que se safou.
Mas ao seu redor já rondam
os que acham tudo muito chato.

Às vezes alguém desenterra
de sob um arbusto
velhos argumentos enferrujados
e os arrasta para o lixão.

Os que sabem
o que aqui se passou
devem dar lugar àqueles
que pouco sabem,
ou menos que pouco.
E por fim nada mais que nada.

Na relva que cobriu
as causas e os efeitos
alguém vai se deitar
com um capim entre os dentes
e namorar as nuvens.

A memória enfim

A memória enfim encontrou o que tanto procurava.
Minha mãe voltou, meu pai reapareceu.
Para eles sonhei uma mesa, duas cadeiras. Sentaram.
Eram de novo meus e de novo viviam para mim.
Seus rostos eram duas lâmpadas brilhando
no fim da tarde, como num Rembrandt.

Só agora posso contar
em quantos dos meus sonhos vagaram,
no meio de quantas multidões
os salvei do desastre,
quantas vezes desfaleceram
nos meus braços. Derrubados,
cresciam de novo, como árvores retorcidas.
O absurdo os levava à mascarada.
Que importa que não podiam sentir dor fora de mim
se sentiam dentro de mim?
Uma turba imaginária assistia quando gritei mamãe
para aquilo que saltava guinchando entre os galhos.
E houve risadas porque meu pai tinha um laço nos cabelos.
Eu acordava com vergonha.

E finalmente,
numa noite comum de sexta para sábado,
eles vieram tais como os queria.
Sonhei com eles, mas como libertos dos sonhos,
obedientes só a eles mesmos e a nada mais.
No fundo do quadro todas as possibilidades se apagaram,
o acaso perdeu suas formas necessárias.
Só eles brilharam, belos, porque eram como eram.
Sonhei por muito tempo, muito tempo e feliz.

Acordei. Abri os olhos.
Toquei o mundo: moldura lavrada.

A mulher de Ló*

Dizem que olhei para trás por curiosidade.
Mas além da curiosidade eu poderia ter outros motivos.
Olhei para trás lamentando a perda da taça de prata.
Olhei para trás por descuido – quando amarrava o cordão da sandália.
Ou para não ver mais a justa nuca
de meu marido, Ló.
Com a certeza súbita de que se eu morresse
ele nem pararia.
Com a desobediência própria dos mansos.
Para ver se éramos seguidos.
Ou comovida pelo silêncio repentino,
com a esperança de que Deus tivesse mudado de idéia.
Nossas duas filhas já tinham desaparecido por trás da colina.
Senti em mim a velhice. A distância.
A futilidade de vagar. O sono.
[...]
Olhei para trás por medo de dar um passo à frente.
No meu caminho apareciam cobras,
aranhas, ratos e filhotes de abutres.
Não era bom ou mau – simplesmente tudo que vivia
saltava ou se arrastava em pânico.
Olhei para trás por desolação,
por vergonha de fugir tão furtivamente,
por vontade de gritar, de voltar,
ou simplesmente porque o vento fustigou,
desfez o cabelo e arrancou o vestido,
e senti que me olhavam do alto dos muros de Sodoma
e irrompiam em riso sonoro uma vez, e outra.
[...]

* Nota dos antologistas – Os pontos que assinalamos no texto indicam versos originais faltantes. São eles, respectivamente – em polonês e em versão nossa para o português – os seguintes: “Obejrzałam się kladać na ziemi tobolek.” (“Olhei para trás pondo a trouxa no chão.”); e “Obejrzałam się z gniewu./ Aby nasycić się ich wielką zgubą.” (“Olhei para trás por raiva./ Para me fartar de sua imensa ruína.”). Cf. o original, “Żona Lota”, em *Wielka liczba*. Warszawa: Czytelnik, 1976.

Olhei para trás por todas essas razões.
Olhei para trás sem ter razão.
Só porque uma pedra rolou sob os meus pés,
porque uma fenda cortou de repente o meu caminho –
em sua borda vacilava um bicho,
e então os dois olhamos para trás.
Não, eu corria, girava, quase voava,
até que a escuridão caiu dos céus
cheia de enxofre quente e pássaros mortos.
Sem fôlego, me senti girar mais uma vez,
E outra, como se dançasse.
Talvez meus olhos estivessem abertos.
É possível que tenha caído
com o rosto virado em direção à cidade.

Retrato de mulher

Deve ser variável.
Mudar só para que nada mude.
É fácil, impossível, difícil, vale tentar.
Seus olhos são, se for preciso, ora azuis, ora cinzentos,
negros, alegres, rasos d'água sem qualquer razão.
Dorme com ele como uma qualquer, a única no mundo.
Lhe dá quatro filhos, nenhum filho, um.
Ingênua, mas a que melhor aconselha.
Fraca, mas carrega os piores fardos.
Não tem cabeça, mas teima.
Lê Jaspers e revistas de mulher.
Não entende de parafusos, mas constrói uma ponte.
Jovem, como sempre jovem, ainda jovem.
Segura nas mãos um pardalzinho de asa partida,
seu próprio dinheiro para uma viagem longínqua,
um cutelo de carne, uma compressa, um cálice de vodca.
Corre para onde, não está cansada?
Claro que não, só um pouco, muito, não importa.
Ou ela o ama ou é teimosa.
Para o bem, para o mal e para o que der e vier.

Vietnam

Mulher, como você se chama? – Não sei.
Quando você nasceu, de onde você vem? – Não sei.
Pra que você cavou um buraco na terra? – Não sei.
Desde quando está aqui escondida? – Não sei.
Por que mordeu o meu dedo anular? – Não sei.
Não sabe que não vamos te fazer mal nenhum? – Não sei.
De que lado você está? – Não sei.
É a guerra, você tem que escolher. – Não sei.
Tua aldeia ainda existe? – Não sei.
Esses são teus filhos? – São.

Autotomia

Em perigo, a holotúria divide-se em duas:
uma delas se entrega à voracidade do mundo,
a outra lhe escapa.

Desagrega-se de repente em perdição e salvação,
em multa e prêmio, no que foi e o que será.

No meio do corpo da holotúria abre-se um abismo
com duas margens subitamente estranhas.

Numa a morte, noutra a vida.
Aqui desespero, alento ali.

Se houver uma balança, os pratos não oscilam.
Se houver justiça, aqui está.

Morrer quanto necessário, sem exceder a medida.
Crescer de novo quanto necessário a parte que se salvou.

É verdade, também nós podemos nos dividir.
Mas apenas em corpo e suspiro cortado.
Em corpo e poesia.

De um lado a garganta, de outro o riso,
leve, rapidamente sumindo.

Aqui um coração pesado, ali *non omnis moriar*,
três palavras apenas como três penas aladas.

O abismo não nos separa.
O abismo nos circunda.

A mensagem do senhor Cogito

Vai aonde foram os outros até o fim obscuro
atrás do toirão de ouro do nada tua última recompensa

caminha ereto entre os que ficam de joelhos
entre os que viraram as costas e foram reduzidos a pó

sobreviveste não para viver apenas
tens pouco tempo tens de dar testemunho

sê corajoso quando falhe a razão sê corajoso
no final das contas só isto importa

deixa que a tua ira impotente seja como o mar
sempre que ouças a voz dos oprimidos e espancados

que nunca te abandone o teu irmão Desprezo
para com os delatores os carrascos os covardes – eles vencerão
e virão ao teu funeral e com alívio jogarão um torrão de terra
e um verme escreverá a tua ordenada biografia

e não perdoes verdadeiramente não está em teu poder
perdoar em nome daqueles que foram traídos na alvorada

mas acautela-te do orgulho sem mister
olha no espelho o teu rosto cômico
e repete: eu fui o chamado – não haveria alguém melhor

previne-te contra a aridez do coração ama a fonte matinal
o pássaro ignoto o carvalho de inverno
a luz no muro o esplendor do céu –
eles não precisam do teu hálito quente
eles estão aqui para dizer: ninguém vai te consolar

vela – e quando a luz nos montes der o sinal – ergue-te e caminha
até que o sangue faça rodar no teu peito a estrela obscura

repete os velhos sortilégios do homem as fábulas e as lendas

porque assim conquistarás o bem que não conquistarás
repete as grandes palavras repete-as obstinadamente
como aqueles que transitavam o deserto e pereciam na areia

e serás recompensado por aquilo que eles têm à mão
o açoite do riso o assassinato no monte de lixo

vai porque só assim serás recebido na comunhão dos crânios frios
a comunidade dos teus antepassados: Gilgamesh Heitor Rolando
os defensores do reino sem fim e da cidade das cinzas

Sê fiel Vai

Tradução de HENRYK SIEWIERSKI e JOSÉ SANTIAGO NAUD (*Quatro poetas
poloneses*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.)

O poder do gosto

À senhora professora Izydora Dąbska

Isto de modo algum exigia um grande caráter
a nossa recusa o nosso desacordo e obstinação
tivemos um pouco da coragem indispensável
mas no fundo foi apenas uma questão de gosto

Sim de gosto

no qual se encontram as fibras da alma e as cartilagens da consciência

Quem sabe se a tentação fosse melhor e mais bela
se nos tivessem mandado róseas mulheres finas como hóstia
ou as criaturas fantásticas dos quadros de Jeronimus Bosch
mas o inferno nesse tempo era tal
o fosso úmido o beco dos assassinos a barraca
chamada palácio da justiça
um Mefisto cachaceiro com uma jaqueta à Lénin
mandava para o interior os netos da Aurora
rapazes com cara de batata
moças muito feias de mãos roxas

Na verdade a retórica deles era bem reles
(Marco Túlio ter-se-ia virado no túmulo)
as cadeias da tautologia alguns conceitos como malhos
dialética de carrascos sem qualquer distinção no raciocínio
sintaxe privada da beleza do subjuntivo

Assim a estética pode ser útil na vida
Não se deve menosprezar a ciência do belo

Antes de aderirmos é preciso pesquisar bem
a forma da arquitetura o ritmo dos tambores e das flautas
as cores oficiais o vil ritual dos sepultamentos

Os nossos olhos e ouvidos recusaram-se a obedecer
Os príncipes dos nossos sentidos preferiram o exílio altivo

Isto não exigia um grande caráter
Tivemos um pouco da coragem indispensável
Mas no fundo foi apenas uma questão de gosto

Sim de gosto

o qual manda sair fazer careta dizer um escárnio entre dentes
mesmo se por isso tenha de cair o inestimável capitel do corpo

a cabeça

Tradução de HENRYK SIEWIERSKI e JOSÉ SANTIAGO NAUD (*Quatro poetas
poloneses*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.)

Apolo e Mársias

O verdadeiro duelo de Apolo
com Mársias

(ouvido absoluto
contra escala desmedida)
teve lugar ao crepúsculo
quando segundo sabemos
os juízes
deram ao deus a vitória

atado com força a uma árvore
minuciosamente esfolado
Mársias
grita
antes que o grito
alcance
as suas grandes orelhas
ele descansa na sombra deste grito

agitado pelo tremor do nojo
Apolo limpa o instrumento

aparentemente apenas
a voz de Mársias
é monótona
e composta de uma só vogal
A

na verdade
Mársias
expõe
a inesgotável riqueza
do seu corpo

os montes calvos do fígado
os brancos desfiladeiros da comida
as florestas ruidosas dos pulmões
os doces outeiros dos músculos

juntos bñlis sangue e tremores
o vento hibernal dos ossos
sobre o sal da mem3ria

agitado pelo tremor do nojo
Apolo limpa o instrumento

agora ao coro
une-se a espinha de M3rsias
no princ3pio o mesmo A
apenas mais profundo com adi33o de ferrugem

isso j3 ultrapassa a resist3ncia
do deus com nervos de pl3stico

pela trilha escarpada
murada com troncos
se vai o campe3o
cismando
se do grito de M3rsias
n3o surgiria com o tempo
um novo ramo
da arte – digamos – concreta

s3bito
cai aos seus p3s
um rouxinol petrificado

ele olha para tr3s
e v3
a 3rvore em que M3rsias foi preso
est3 gris

completamente

A pedra

a pedra é criatura
perfeita

igual a si mesma
vigia das suas fronteiras

exatamente repleta
do seu senso de pedra

com aroma que nada recorda
não assusta nada nem desperta o desejo

sua ardência e frieza
são justas e dignas

me acabrunha o remorso
quando a tomo nas mãos
e um falso calor
atravessa o seu corpo sublime

– não se domam as Pedras
até o fim elas nos fitam
com um olho sereno e muito claro

Ao rio

Ó rio – clepsidra de água metáfora da eternidade
entro em ti cada vez tão diferente
que poderia ser nuvem peixe ou rocha
e tu és imutável como o relógio que marca
as metamorfoses do corpo e as quedas do espírito
a lenta decomposição dos tecidos e do amor

eu nascido do barro
quero ser teu aluno
e conhecer a fonte o coração olímpico
ó tocha fresca coluna cantante
rochedo da minha fé e do desespero

ensina-me ó rio a ser teimoso e persistente
para que mereça na última hora
repouso na sombra do delta imenso
no sagrado triângulo do princípio e do fim

Trenodia de Fortinbras

Para Czeslaw Milosz

Agora a sós podemos príncipe falar de homem para homem
se bem que jazas nos degraus e vejas quanto uma formiga morta vê
ou seja um negro sol com raios rotos
Jamais pude sem rir pensar em tuas mãos
que feito ninhos que caíram jazem sobre a pedra agora
inermes como outrora O fim não passa disso
as mão jazendo aqui A espada ali A cabeça acolá
e os pés do cavaleiro em chinelas macias

Terás um funeral de soldado sem nunca ter sido um soldado
é o único ritual que mal e mal conheço
não há de haver círios nem cantos só pavios e estrondos
crepe arrastado sobre o pavimento elmos botas ferradas cavalos que puxam canhões
[tambor tambor eu bem o sei nada de belo
tais não de ser minhas manobras antes de apossar-me do poder
convém pegar pelo pescoço esta cidade e sacudi-la um pouco

Perecerias Hamlet cedo ou tarde inapto que eras para a vida
acreditavas em idéias de cristal em vez do barro humano
caçavas entre espasmos sempre e como em sonhos mil quimeras
abocanhavas como um lobo o ar só para vomitá-lo
não sabias fazer nada de humano nem ao menos respirar

Agora estás em paz Hamlet cumpriste o teu papel
e estás em paz Não é silêncio o resto mas pertence a mim
a parte que escolheste era a mais fácil uma esplêndida estocada
mas o que a morte heróica é frente à eterna vigilância
do alto de uma cadeira um pomo frio numa mão
um formigueiro sob os olhos e o quadrante do relógio

Adeus príncipe aguarda-me um projeto para esgotos
e algum decreto sobre prostitutas e mendigos
Preciso aperfeiçoar além disto o sistema de prisões
pois como bem disseste a Dinamarca é uma prisão
Prossigo com meus afazeres Hoje à noite nasce

uma estrela chamada Hamlet Nunca nos reencontraremos
o que eu hei de legar não será tema de tragédias

Nem cabe nos saudarmos despedirmo-nos nós habitamos arquipélagos
e essa água estas palavras entre nós de que de que nos valem príncipe.

Aventuras do senhor Cogito com a música

1

há muito
a rigor desde o raiar da vida
o senhor Cogito sucumbiu
aos encantos pérfidos da música

pelas florestas da infância
o levava a voz canora da mãe

amas-secas ucranianas
entoavam-lhe no berço
canções de ninar caudalosas como o Dniepr

envelhecia
como que instigado pelos sons
em acordes
dissonâncias
num vertiginoso crescendo

recebeu uma formação
musical básica
a bem da verdade incompleta
Escola de Piano
(primeiro caderno)

lembra a fome do estudante
mais incômoda que a fome do alimento
quando esperava antes do concerto
pela graça de um ingresso grátis

difícil dizer quando
começaram a importuná-lo
dúvidas
escrúpulos
peso na consciência

ouvia música raramente
não como antes com avidez
com crescente pejo

secou a fonte da alegria

os mestres
do moteto
da sonata
da fuga
não eram os culpados

mudaram
as órbitas das coisas
os centros de gravidade
e junto com eles
o eixo interno
do senhor Cogito

não podia
entrar no rio
do enlevo de outrora

2

o senhor Cogito
pôs-se a juntar
argumentos contra a música

como se intentasse escrever
um tratado sobre o desiludido sentimento

abafar a harmonia
com furiosa retórica

atirar o próprio peso
nos braços frágeis dos violinos

na face luminosa
o capuz do anátema

mas sejamos imparciais
ela
também é culpada

seus primórdios pouco louváveis
sons em intervalos
fustigavam ao trabalho
arrancavam suor

os etruscos vergastavam os escravos
sob o acompanhamento de pífaros e flautas

portanto
moralmente insensível
como os lados do triângulo
as espirais de Arquimedes
a anatomia da abelha

recusa as três dimensões
flerta com o infinito
deita no abismo do tempo
fugidios ornamentos

sua força oculta e manifesta
provoca inquietude nos filósofos

o divino Platão advertia –
as mudanças de estilo da música
motivam a revolta social
a derrubada das leis

o suave Leibniz ensinava
no entanto que ordena
e é oculto
exercício
aritmético
da alma

mas o que é
o que é na verdade

metrônomo do universo
exaltação do ar
medicina celeste
zunido vaporoso da emoção

o senhor Cogito
suspende sem respostas
as considerações sobre a essência da música

só não lhe dá sossego
o poder tirânico dessa arte

o ímpeto com que invade
nosso íntimo

entristece sem causa
alegra sem motivo

enche do sangue dos heróis
os corações de lebre dos recrutas

absolve muito fácil
purifica de graça

- e quem lhe deu o direito
de puxar assim pelos cabelos
de tirar lágrimas dos olhos
de animar ao ataque

o senhor Cogito
condenado a uma língua de pedra
sílabas ásperas
adora às escondidas
a volátil leviandade

o carnaval as ilhas e bosques
além do bem e do mal

o verdadeiro motivo da separação
é a incompatibilidade de gênios

outra simetria do corpo
outros giros de consciência

o senhor Cogito
sempre se defendeu
da fumaça do tempo

apreciou objetos concretos
calados a um canto no espaço

amou as coisas duráveis
quase imortais

sonhos sobre a língua dos querubins
relegou ao jardim dos sonhos

escolheu
o que se sujeita
às medidas e juízos terrenos

para que chegada a hora
possa aceitar sem um murmúrio

a prova da mentira e da verdade
a prova do fogo e da água

Carroça

O que faz
este ancião centenário
de rosto como um velho livro
de olhos sem lágrimas
de lábios cerrados
que guardam as lembranças
e o balbucio da história

agora que
as montanhas de inverno
se apagam
e o Fujiama entra na constelação de Órion
Hirohito
ancião centenário – imperador deus e funcionário
– escreve

não são atos
de clemência
nem atos de ira
nomeações
de generais
torturas sofisticadas
mas uma obra
para o concurso anual
de poesia tradicional

agora o tema
é a carroça
a forma: o tanka venerável
cinco versos
trinta e um pés

“entrando no trem
da ferrovia estatal
penso no mundo
do meu avô o imperador Meiji”

o poema
de aparência simples
de respiração suspensa
sem rubores artificiais

diverso
das obras dos modernos
impudentemente molhadas
cheias de uivos triunfais

migalha
sobre os trilhos de ferro
desprovida de qualquer melancolia
de pressa antes da longa viagem
e até
de pena e de esperança

penso
com o coração apertado
em Hirohito

em suas costas curvadas
a cabeça imóvel
o rosto de boneca velha

penso em seus
olhos secos as mãos pequenas
o pensamento moroso
como a pausa entre
um e outro
grito do corujão

penso
com o coração apertado
qual será o destino
da poesia tradicional

há de sair
de trás da sombra do imperador

sumida
imponderável

Limpos

Prefiro a feiúra
Está mais perto da corrente sangüínea
Das palavras expostas a raio X
E tormento

Ela aglutina as formas mais ricas
Redime com fuligem
As paredes dos necrotérios
Deixa no gelo das estátuas
Um cheirinho de rato

Porque tem no mundo gente tão bem lavada
Que ao passar nem cachorro rosna
Embora santos não sejam
Nem muito quietos também

Tradução inédita de MARCELO PAIVA DE SOUZA (Poema original, "Czyści", extraído de Stanisław Grochowiak. *Wybór poezji*: Wybór i układ Jerzy Polanicki. Warszawa: Kama, 1994.)

Adam Zagajewski (1945-)

Derrota

De fato conseguimos viver nas derrotas.
As amizades aprofundam-se
o amor esperto ergue a cabeça.
Até as coisas se tornam limpas.
As andorinhas brincam no ar
instaladas sobre o abismo.
As folhas dos álamos tremulam.
As aparições escuras do inimigo projetam-se
contra a base brilhante da esperança. A coragem
cresce. Eles, dizemos deles, nós, de nós,
tu, de mim. O chá amargo agrada
como uma profecia bíblica. Tomara que
a vitória não nos surpreenda.

Tradução de ALEKSANDAR JOVANOVIĆ (*Céu vazio: 63 poetas eslavos. São Paulo: Hucitec, 1996.*)

Eliade

Romênia, melancolia, longos passeios
a pé ou de canoa (a tempestade no Danúbio
podia terminar em tragédia),
depois a viagem a Índia, Lisboa, Londres,
afinal Paris – rue Vaneau – e Chicago.
Quis ser como Buda ou Sócrates –
tirar-nos dos porões da História.
Centelha dos deuses – conjurava, – ensina-me o riso da alegria!
Centelha dos deuses, põe de pé os refugiados abatidos
da Moldávia, para que dancem, para que esqueçam
as casas arruinadas, a enchente, os túmulos.
Judeus, não tenhais medo das perseguições,
espera-vos um momento de êxtase, a felicidade.
Centelha dos deuses, livra-nos da tirania trivial
dos Neros, dos Tibérios modernos;
ar, abre as comportas da magia.
Porém até os objetos diminutos – alfinetes,
correias, pentes – conhecem o sabor da eternidade.
Pois os arqueólogos não os encontram
na poeira e no barro onde repousam em paz,
como se fossem sonhados pelos grandes pintores?
Pensionistas deste século, não sabeis
que por toda parte há lumes de alegria,
que os bons espíritos nos seguem na ponta dos pés,
e que seus corações invisíveis batem levemente
como pequenos martelos numa ária de Mozart?
O historiador da religião – escreveu sobre ele Cioran – não sabe rezar.
A salvação é uma onda alta, cega, batendo
em costa de areia, se houver costa, oceano,
nuvem negra ou lua, governadora do céu.
Os demônios da Europa do Leste, que eram sua paixão,
vieram ao seu funeral no cemitério americano
e riram inaudíveis, admirados.

A longevidade dos verdugos

Verdugos, mas aqueles monumentais,
não aqueles para serviços úmidos, mas aqueles para estatísticas secas,
não aqueles de punhos em garra, mas os de números redondos,
com seis zeros – em outras palavras, aqueles que exterminam multidões
sob a condição de que resistam aos próprios expurgos
e passem para a História, surpreendendo sempre
com o fato de sobreviverem todos saudáveis até uma idade avançada.
Todas as falsas testemunhas de Jeová, maçons,
artistas, camponeses, padres, proprietários de terras,
os eventualmente infelizes que alguém denunciou por vingança
e aqueles cujos nomes alguém cuspiu com os dentes,
certamente repetiriam (se ressuscitassem) conosco
(certamente em voz mais alta) um admirado “por quê”
ao contemplar aqueles velhotes vigorosos aposentados
que aquecem os ossos nos bancos de jardim
fazem pipas para os netos, sorvem sopas
de beterraba vulgarmente, utilizam as conquistas
da Medicina contemporânea desconhecendo quaisquer outros tormentos infernais
além das desventuras senis com a próstata.

Creio que deste modo você possa informar-nos um número qualquer,
dentro do qual, como sempre, se esconde a idéia
que você conserva para si próprio.
Mas, afinal, do que se trata? Mantê-los entre nós
para oferecer uma oportunidade – para quê? – para um processo
alguns séculos atrasado, sobre milhões de anos de
vidas exterminadas? Para extorquir
reconhecimento ou as memórias deles? Para
a compreensão da natureza humana
através desse exemplo vivo contundente? Será que
precisamos parar diante do espelho com eles, devemos posar juntos para fotografias
que mostram que carrascos e vítimas não se distinguem em coisa alguma?
Talvez você queira mostrar-nos que se desaparecesse para sempre
ainda assim isso testemunharia

a seu respeito e que
não nos esforcemos em vão para entender
a diferença entre o prêmio e o castigo?

Tradução de ALEKSANDAR JOVANOVIĆ (*Céu vazio: 63 poetas eslavos*. São Paulo: Hucitec, 1996.)



DETAILED MAP OF AFRICA POLITIQUE DE VIVIER DE SAINT-MANVILLE (PARIS, 1871)

A minha África começa na rua de Lidemburgo e desemboca no Alto Maé

Entrevista de LUÍS CARLOS PATRAQUIM à Poesia Sempre

Poesia Sempre: *No Festival de Berlim de 2008, a leitura de seus poemas causou um forte impacto na platéia da Akademie der Künste. Como foi esta experiência? Ana Paula Tavares, o poema que você dedicou à cabeça de Nefertiti...*

Luís Carlos Patraquim: Foi muito gratificante. Realço as sessões de trabalho com o poeta Richard Pietrass e o tradutor, excelente, Kurt Scharff. A minha vantagem era total, dado que desconsegi me lembrar do pouquíssimo alemão que aprendi no antigo liceu, em Lourenço Marques, Moçambique. Ignorância, pois, e nem doutra... Depois, deambular por Berlim. Julgo que há uma Alemanha imaginária na cabeça de cada um de nós. Configurações e narrativas que não se ancoram só nos desastres da guerra e da experiência totalitária ou no “muro”, cujas conseqüências – bem mais do que simbólicas – também chegaram à parte austral do continente africano. Na tradução portuguesa de outros (Paulo Quintela, João Barrento, Vasco Graça Moura, Ivete K. Centeno), leio “até arderem os olhos” as *Elegias* de Hölderlin. O angelismo de muita da poesia portuguesa, ou em língua

portuguesa, muito deve a Rilke e Paul Celan e mantém-se-me como fascínio e profunda perturbação. O poema ainda faz sentido? “Uma clandestinidade na ditadura do mundo”, escreve Herberto Helder. Isso me ancora em teimosia, melhor, pura necessidade vital. E, quando viajo, transporto comigo a minha colonial e pós-colonial e desenhada e atribulada cidade de Maputo, capital de Moçambique, a sua *afro-europeidade*, se me é permitido o “erro”. E os anjos e os malditos e os mortos me vão sussurrando ao ouvido, ou batendo forte “sobre o lado esquerdo”, o que foi nosso sonho. Em Berlim, percorrendo as largas avenidas e os museus, cavaqueando com a Ana Paula Tavares, o Tony Tcheka, o Armando Artur, a Ana Luísa Amaral, bebi a minha cerveja no inferno com o meu amigo e poeta Sebastião Alba, interroguei José Craveirinha sobre o tempo inteiro que é agora o dele e sobre as belas mulheres que passavam.

PS: Você tem um livro inédito de rara beleza. Vemos o Patraquim de inteligência emocionada, a plenitude musical da língua e cheio de relâmpagos verbais. Que diferença este

livro estabelece com os anteriores? O que prossegue? Quando sai?

LCP: É muita generosidade essa sua classificação. Sou poeta bissexto, como dizia o grande, e de todos nós, Manuel Bandeira. O livrinho está entregue e à espera de uma “boa hora”, como se deseja às grávidas que vão parir. Venho publicando na Editorial Caminho, agora integrada no grupo Leya. O que sei é da imensa dificuldade em se editar poesia. Não vende, não rende, é inútil. Reconheço que há teimosias magníficas de que realçava o exemplo das lisboetas Assírio & Alvim, Relógio de Água, Campo das Letras e de alguma gente mais nova, poetas e editores, que insistem em debruçar-se sobre o abismo. Em Moçambique o quadro ainda é mais difícil, com a AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) e a N’Djira a conseguirem editar de vez em quando.

PS: Parece-me que a sua África não pára de crescer, metamorfoseando-se em vozes discretas, aliteraões, rimas assonantes. Mas tudo regido por um alto conceito. É mesmo isso?

LCP: Não sei se cresce... Talvez seja verdadeira essa sua observação. Mas devo dizer que “a minha África” começa na rua de Lidemburgo e desemboca no Alto Maé, estrada e bairro popular da capital. Quando, em surtidas alvoroçadas me embrenhei por Chamanculos e Mafalalas, nossas “periferias” habitadas por autênticos cidadãos, a “minha África” agigantou-se e encheu-se de vozes. As mesmas que fui ler, depois, na poesia de José Craveirinha, Rui Knopfli, Noémia de Sousa, Sebastião Alba, Reinaldo Ferreira, Virgílio de

Lemos, João Fonseca Amaral, tantos outros nomes. Cada um deles com sua particular voz e *techné* e destino. Neste mundo havia o Mundo e para ele me dirigi. É onde estou, não obstante esta espécie de “exílio” ou insularidade que julgo estar, na condição de poeta, do poetinha que julgo ser.

PS: Gostaria de saber quantos e quais são os muitos Moçambiques, diversos, dialéticos, que habitam seus poemas.

LCP: Quem olhar para o mapa verificará que Moçambique é em ípsilon. Podia mesmo voltar a escrever-se *Moçambyque* ou *Mossambyque* – o novo acordo ortográfico devolveu-nos a letra... E, se “a vida é uma letra”, como sabia Ibn Arabi, então eu navego em Y, do litoral Índico para o interior da terra. De todos os rios e ilhas, dos orientes que habito e Moçambique me oferta, com as línguas batendo, interferindo nesta, que é a única onde posso escrever. Digo “onde” e não “em que”, pois nela se inscreve o lugar geométrico de onde devenho.

PS: Lusofonia, literatura de expressão africana, tudo isso é um campo que se afirma há muitos anos e com avanços indiscutíveis. Virgílio de Lemos – num encontro em Sorrento – pediu que essas fronteiras disciplinares se afrouxassem um pouco e que a *Weltliteratur* dialogasse mais com os poetas africanos de língua portuguesa...

LCP: Pois... Cito, só para baralhar, este excerto do *Livro do desassossego*, do Bernardo Soares/Fernando Pessoa: “Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria

é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escrevesse mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como o escarro directo que me enoja.”

Claro que, ao contrário dele, tenho “sentimentos políticos e sociais”! E, sobre a dita “Lusofonia” há muito que adotei o que a seguir se transcreve e um dia disse: “Não sei ainda sob que céu da Língua se conseguirá o ‘milagre’ de falagens em igualdade de valores entre tanta diversidade de povos e outras línguas. Se não me seduz muito o termo agora em uso, pelo seu desrigor e algum maningue centralismo – não vejo onde é que um maconde de Cabo Delgado se sente ‘lusófono’ –, faço por desdramatizar o que nem sequer é recusa. Reparo, entretanto, que tudo, nesta nóvula, corre em negação de dizeres. Insisto: não é bem assim. ‘Você sabe, camarada noção, que pode ser operativa!’ As palavras bonitas de sobas políticos e culturais continuam a encobrir o que devia ser desocultado: que só agora, e se todos quisermos, poderá acontecer o tal esquinado ‘encontro de culturas’. Em trocas transversais de sabores semânticos diferenciados, em respeitos mil de despir as sete senhoras da nossa espantação, em descobrir no Outro o Eu. Sem espúrias assimilações mas como dadivosa troca de línguas na Língua. Os meus respeitos para quem assim se posicionar.”

E é isto. Em relação ao que disse o Virgílio de Lemos, é óbvio que só posso

estar de acordo. Mas julgo que estamos a sair do gueto. O que se escreve deve valer por si e não virar catalogação para especialistas. O que tenho observado, não obstante as meritórias exceções, é a existência de uma espécie de vigilantes ou de guarda-fronteiras de identidades que nos vão colocando nas fichas elaboradas por eles. Tem palmeira? Então é... E aqui até pode induzir em erro e apontar o nosso irmão brasílico, o do sabiá.... Gosta de catedral? Suspeita-se... Mas se há árvore com espíritos por perto então é dos nossos.

Caricaturado, claro, mas já houve disto. E, aí daquele que não falasse das “grilhetas da opressão”!

Felizmente que já se cresceu e, no caso moçambicano, podemos fruir o depurado lirismo de um Armando Artur, o neobarroco, torturado e agônico, de um Eduardo White, o *blue* de Nelson Saúte, o holismo de Calane da Silva, a funda e revoltosa angústia de um Heliodoro Baptista, o legado de um Gulamo Khan, para citar só alguns dos nossos poetas.

PS: A sua vida de poeta e roteirista. Esse viajante absoluto, como disse de você Livia Apa. Viajante do texto do mundo. E do mundo do texto. Como se encontram essas extremidades, Patraquim?

LCP: Viajante? Então isso é algo que partilho contigo, com você! Viajo no tempo, é verdade. É onde estarei quando chegar à margem do rio. No texto, no meu pobre texto, digo como Rui Knopfli: roubo a todos. De Camões a Dylan Thomas, de Langhston Hugues a Derek Walcot, de Vieira a Herberto, de Drummond a você... E aqui passo para a pergunta seguinte. Como dizia o Seamus Heaney um poeta tem de

ter a consciência de toda a poesia que existe antes dele: de Homero ao mais breve canto de amor em língua Ronga (língua do sul de Moçambique), por exemplo.

Quanto à vida de roteirista... Melhor seria embarcar no veleiro do John Smith e beber uma garrafa de rum. Mas não há ilha do tesouro. O cinema é muito difícil, a profissão é minorizada, etc., etc., etc. Nos dias de maior angústia, ou frustração, leio e vejo Tarkovski e sonho que vai nascer um Glauber Rocha moçambicano. Temos muita costa e baía. O que não quer dizer que não tenha experimentado algumas satisfações: o meu trabalho no INC, Instituto Nacional de Cinema de Moçambique, a indefectível amizade com cineastas nossos: Fernando Almeida e Silva, Licínio Azevedo, Camilo de Sousa, Ruy Guerra (também ele!); gente da imagem como o Funcho, o Kok Nam e o Ricardo Rangel, o Sérgio Santimano e o Naíta Ussene, o José Cabral; o poeta, roteirista, ensaísta, português e tudo chamado António Cabrita; as conversas longínquas com Jean-Luc Godard, Jean Rouch, Hailé Guérima, o em sonho de Cannes a espreitar a Jeanne Moreau à conversa na Croisette com Joseph Losey e o cerimonial de cumprimentos a Nagisa Hoshima – “Vous êtes du Mozambique? Amazing!”

PS: Como tem sido a relação com a poesia brasileira, em que medida ela atuou na sua formação?

LCP: A relação tem sido toda! Que mais posso dizer. Tento cumprir o conselho de Drummond. E vasculho nos bolsos para me certificar de que trouxe a chave. E calo-me aqui, porque o Brasil tem demasiado grandes poetas para sequer me atrever a nomeá-los. A influência da sua literatura nas nossas, das Áfricas, é mais do que muita. Alguém que a estude! Eu continuarei no meu garimpo onde também há Angola e Cabo Verde e Portugal e as línguas do mundo. Mas do que me está mais próximo, falharia se não falasse da Paula Tavares, do David Mestre, do Ruy Duarte de Carvalho (Angola) e de outro enorme poeta cabo-verdiano, recentemente desaparecido, João Vário.

PS: Quem é Luís Carlos Patraquim e para onde vai?

LCP: Tivesse eu o gênio de Borges e teria escrito o que ele escreveu, “Borges e eu”. Mas não sei responder. Sei que caminho, há uma viagem da língua, circunavego as ilhas, meu vento é meu tempo, a cada imagem e ritmo e palavra almejo e celebro a religação com a Unidade. A que se estilhaçou.

POESIA INÉDITA

ALBERICO CARNEIRO

ANA LUIZA ALMEIDA FERRO

ANDITYAS

ANTONIO AÍLTON

CARLOS NEJAR

CESAR TEIXEIRA

COUTO CORRÊA FILHO

EDUARDO JÚZLIO

FERNANDO ABREU

FERNANDO BRAGA

JM CUNHA SANTOS

JOSÉ CHAGAS

JOSÉ MARIA NASCIMENTO

LAURA AMÉLIA DAMOUS

LÉLIA COELHO FROTA

LEONOR SCLiar-CABRAL

LÚCIA SANTOS

LUÍS AUGUSTO CASSAS

MÁRCIO-ANDRÉ

REUBEN DA CUNHA ROCHA

O corsário

Bebi da água
de vários rios
saqueei navios
em vários portos
voei no vôo de muitas rotas
segui gaviões e gaivotas
e não me importo
por ser procurado
por ter achado
pela bagagem de contrabando
por ter cruzado oceanos
já conquistados
mas sempre a nado

Eu me perdôo
por ser ousado
Eu sou um náufrago
eu não me engano
Eu não me zango
por ter sido dado por morto
há milhares de anos
tombadilhado no Atlântico
como um herdeiro de Adão

Indiciado por uso indevido de patente interior
e multiplicidade de identidades
por ter vários sócias em cada porto
mostro meu rosto de vários rostos
revelo plásticas e tatuagens
removo as placas das páginas
mostro os postiços e as próteses
Nada a opor:

EU NÃO SOU SÓ

Eu sou a soma
de quantas sombras
e o avesso
de quantos dramas?

Eu sou os versos
de quantos idiomas
e o possesso
de quantos nomes?

Eu sou o fogo
de quantas chamas
e o pavio
de quantas bombas?

Sou o legado
de quantos anônimos
e a legião
de quantos nômades?

Eu sou o assombro
de quantos tombos
e as cartas
de quantas damas?

Eu sou o poço
de quantas águas
e o calabouço
de quantos lázaros?

Sou o gatilho
de quantas armas
e armadilhas
de quantas cigarras?

Sou as cartolas
de quantos mágicos
e o vôo solo
de quantas águias?

Eu sou os rios
de quantos cílios

e o delírio
de quantos grilos?

Sou a revoada
de quantas asas
e as palavras
de quantos párias?

Eu sou os rastros
de quantos passos
e as pegadas
de quantos astros?

Sou a linguagem
de quantos mártires
e os sabiás
de quantos cárceres?

Sou a alquimia
de quantos dados
e as alegorias
de quantos dedos?

Só sei quem sou
em caso de missão e labor
obstinação e amor:

EU NÃO SOU SÓ

Na trajetória desta viagem
há muitos riscos
há muitos risos
há muitos passos
há muitos pássaros
misteriosos
há muitas gralhas
e gargalhadas
entre espinhos e rosas
há muitas lágrimas
em cada láurea
há muitas hostes
muitas risadas

novas piadas
e hostilidades
muitas visagens
e espantalhos
de pirralhos
e piratas
nas laudas
sem identidade

há muitos ossos
há insanos corvos
há muitas gralhas
comendo migalhas
às gargalhadas
pelas latadas
seguindo as pegadas
no ROSEIRAL

Há muitos bicos
de aves que bebem
em estranhos rios
Outras se atrevem
a abelhudar
os precipícios
soltas em abismos
não se protegem
e caem no ridículo
da glória breve
sem tomar conhecimento do Sol
da Linguagem

O naufrago

À espera do chamado, encharco o meu pensamento
do que emerge de dentro, do que submerge de fora
dos ventos que colho, das entranhas que alimento
borbulham idéias no oceano do eu em mora.

Qual naufrago agarrado à tábua, órfão de seu barco
contemplo as nuvens, que me ignoram e passam
afundo sob o peso das pedras com que arco
torno à superfície das águas que sitiam e enlaçam.

Ah, quisera eu ser levada por ondas encrespadas
à ilha do nunca e do bem-depois-de-amanhã
onde assomam sereias que não querem ser fadas.

Mas a chuva cai e os sonhos enrijecem no sangue
a carruagem de Apolo procura os domínios de Pã
e eu me debato embalde, e mergulho no mangue.

O naufrago II

Do p
e
n
h
a
s
c
o da ilha

avisto

os meus sonhos

delirantes

a bordo de um barquinho

que some

p o u c o a p o u c o

d e v a g a r

na derradeira linha

do horizonte.

São Paulo, 2008.

O naufrago III

O naufrago

é o eu

cercado

os lados

de outrem

por todos

São Paulo, 2008.

A canção do Mestre Celestial

Eu sou o Alfa e o Ômega,
o princípio e o fim,
a dor atrás dos olhos e
a peste na plantação.
Sou aquele que perdoa
e que expulsa demônios.
Sou o que possui e é
possuído, fecunda e
é fecundado.
Sou a fome dos
poderosos e a altivez
dos humildes. Sou
Leviatã, sou Moloch
e sou Gabriel.

Cacei com a lança de Nebro
e libertei os filhos de Saclas, o tolo.
Tenho três faces escuras e
minhas esposas copulam livremente
com as feras no pasto. Fornicam
e são penetradas. Geram meus
monstros, meus filhos.

Eu sou o Senhor das moscas,
o Convertido, o Encoberto.
Venho do éon de Barbelo,
o deus-quádruplo, o Primeiro,
o Impronunciável, o Autógeno,
o YHWH que faz os fortes
camponeses do deserto tremerem
e chorarem como mulheres.

Eu trago a palavra e o silêncio,
a mordança, a lira e o archote.
Sou o fuzilamento na noite espessa,
sou o terror sem nome
e sou o que desobedece, o que

sempre diz "não". Libertário
e libertino, sou a prostituta
dos deuses, sou a danação,
sou Nêmesis e Dikê.

Minha lei é a
cegueira da justiça.
Minha vingança sempre foi
e sempre será terrível.

Sou a unidade e a dispersão.
Sou o Nada, sou o esquecimento.
Sou o cinismo e a amargura,
a alegria, o crime e a inocência.
Sou a verdade, a mentira e o
que há entre ambas.

Eu sou a raiva, mas a doçura
não existe senão em mim.
Fui adorado em Elêusis por
jovens sacerdotisas nuas.
Tomei parte nos Mistérios,
nos cultos, embebedei-me
com sangue e vinho,
hidromel e esperma.
Contradição era o meu nome.

Eu sou o Uno, o caminho,
o método, a via. Sou a paz,
o tumulto, o gozo e a ascese.
Minhas vidas se sucederam
desde sempre e estou presente
em cada suspiro, em cada pedra.
Minha morte virá, mas por
vontade própria. Nesse dia
haverá grandes cataclismos e horrores.

Eu sou Hierogamos, eu sou sagrado.

SVP

Minha irmã sentada na soleira da porta
levando as chibatadas de nosso pai, o Titã
“Mais uma puta!”, e jogava os tostões
da passagem até a cidade mais próxima

Ó minha irmã, por favor, me escreva
também

e me convide
para ir ver Paris

Banheiro público

Há muito tempo no calçadão,
quer agarrar-se a um tino um fiapo
em que ainda reconheça sua dignidade
Desce ao banheiro público, e disfarçadamente
como em oração
vai ouvir as vacas, as potrancas, as cabritas
pelos sons de cada uma: carne mole, carne aberta, carne rija
depois se ajoelha e agradece: “ó Senhor
eu te agradeço pelos campos, e por tuas filhas!”

Saliva

estou em pernas demais
serão 8 em muitas ruas

“por favor traga a cabeça
quando volte do trabalho”

levanto parques silêncios
ou: o cóis de minha calça

(certas aldeias antigas
nunca têm 8 da noite)

chulés também são memórias
quando lembram no abafado

ácaros nunca se acalmam
botam rosas nos meus pés

ainda há cama e trabalho
para onde irei logo mais

puxo a bagana do bolso
pra ser feliz na miséria

estrelas explodem gordas: ploft
vejo aftas, e céus

Designação

As coisas têm vida própria
quando ganham nome.

Não importa, se os símbolos
nos chamam. E só na porta
dos sentidos é que nos amam.

E o tempo come devagar
em nossa mão.

E foi um homem
que desenhou no bojo
da caverna, búfalos,
plantas, frutos,
ou um trovão,
indo escrevendo
sonhos.

E o umbral desconhecido
é o de um menino
com as vozes
que o guiam.

Tremem as pernas
por se moverem
atrás, adiante,
quando idiomas
vou falando
e jamais cedo
aos genitivos.
Só ao amor
chegando.

Guerras, secas,
tempestades:
as coisas têm
a idade
que bradamos.

E antes que envelheça,
estrangeiro,
medito sobre a areia.

E olho no oceano
as cheias e o peixe
que apanhei
com afiada faca
de uma estrela.

Comer, dormir
no vale.

E a descoberta
do fogo
ao bater
no seixo,
o seixo.

E a centelha
da fome.
E procurei
meu povo.
Até ao abandono.

Ou aborrecer as coisas
para polir as sombras
e me sentir humano.

E com troncos
naveguei.
Fui sobre
a tromba da maré.
Atravessei
perigos,
tribos,
vínculos
e alcancei
a rocha
do equilíbrio.

E prossegui adiante,
bebendo
numa fonte,
à saciedade.

E diante da memória
e seu ruído tão moroso
de horas, vejo que ela
sabe de que lado
semear ou conter
a explosão
de olores, hábitos.

E a memória de um
é de outro e outro.
E se assemelha
a uma teia o mundo.
Sem revés.
E as coisas se revelam
quando lhes
damos nomes.

Canção do filho exilado

Cabelos de sol girassóis
nos meus dedos,
como luz parindo cegos
pincéis de Van Gogh,
útero dissecado no peito.

Feto abortado em mim
(sólido fantasma
de antigo santuário).

Amar o vazio edifício,
um abismo de degraus
em rasante alma, trago
cabelos de raízes,
nervos no umbigo do sol.

Embalo ainda nos braços
esse espaço vazio,
inseparável asa de um
anjo aleijado
no alto do penhasco.

E atravesso o deserto
onde não chegam cartas,
então releio os estilhaços
e bebo o crepúsculo
aprisionado nas garrafas

(o coração é o útero do pai).

*Bilhete azul**Para Marilyn Monroe*

As traças
roeram tuas
cartas
na gaveta,
que parece
oficina
de consumir
amor.

Só o teu
batom
(com Baygon),
na capa
de revista
pregada
no banheiro,
escapou.

Perdi
as alianças,
mas guardei
na mala
o teu vestido
de naftalina
e um coração
de isopor.

O parto invisível do poema

(para Maria José Aragão)

De ti não carrego o adeus,
mas a ferida exposta no peito
– insaciável como uma rosa
pulsando entre punhais.

Não cabes mais nas palavras,
e tanto é o abismo da língua
que te recrio em silêncio
na fome convexa dos mendigos,
barro do teu verbo invisível.

Tua ausência, extraída à foice
em parto cesariano,
inunda o meu coração:
descobri que era uma estrela
essa luz entre os lençóis.

Na falta de uma política
de primeiros socorros para o planeta,
que este poema
(cujo tecido é de alma)
sirva de agasalho e hóstia
aos famintos;
que, não estando nas palavras,
sirva de trincheira e gaze
aos aleijados
– inclusive poetas sem pátria.

E, para não vê-lo queimado
em praça pública,
feito bandeira ou bíblia execrada,
que seja posto no vértice
da mais alta montanha,
onde somente as nuvens
maltrapilhas

com suas bocas de borboleta
possam tocá-lo,

como agora eu toco as tuas mãos,
que brotam da terra úmida
cheias de pássaros e orquídeas.

Flamenco

É a garganta inconformada precipitando
no sonoro abismo o que expele
como uma cachoeira se desesperando
no expressionismo de sua pele

É o vômito visceralmente impuro
que encharca de som o vazio
deleite maior que o de Epicuro
fluente como o leito de um rio

É a vertente que ao vento esturra
seu grito de flama e estertor
como uma fera ferida urra
ao sair de si em seu clamor

É o terremoto surdo das guitarras
cujo epicentro se alastrou profundo
levado por seu canto sem amarras
ele abala os nervos do mundo

Balada de Dolores Ibarruri

Não passarão
assim hasteara Dolores
a voz como bandeira

Não passarão
assim clamara Dolores
o corpo feito trincheira

Não passarão
assim teimara Dolores
do Pássaro a mensageira

Não passarão
assim lutara Dolores
contra Fascismo e caveira

Não passarão
assim ficara Dolores
da luta prisioneira

Não passarão
assim hospedara Dolores
seu nome em sua vida inteira

O a tomatina

O a tomatina é nutriente
de gente com outra fome
alimenta desejos ocultos
sacia guerreiros infames

Estômagos sem agasalho
sentem seu desperdício
mesmo assim ele explode
em rubros frutos maduros

Há miolos espalhados
pelo impacto da explosão
provocada por quem banha
no sangue dos tomates mortos

Paisagem química

lamber o láudano do horizonte
minuciosamente
como se fossem os seios de brigitte
cheios de orgulho e primavera
clandestinamente
apontados para o infinito
decididos a provocar a guerra
pelas pradarias do desejo
abandonando na suavidade do amanhã
um gosto ocre de vinho e carne

Estação e fuga

dois anos de chuva em dois dias
dissolveram a cidade
traído
o coração da tarde
dispensou
a música orgânica do crepúsculo
restou um silêncio inquieto
inundando o imaginário
sem razão nem claridade
o jeito foi partir
antes que o tempo aniquilasse
o sabor de um beijo
com a torrente impetuosa da saudade

Deserto

seguir
sem poder chegar
os olhos cerrados
contra a fúria da lembrança
no bolso
um lenço de despedida
rasurado
com duas preces de amor
assírias
tranqüilizando os passos
silenciando o pranto

todos os caminhos do mundo
podem não ter volta
se não houver origem
para reencantá-los

Os galos noturnos

Toda noite eles chegam
e realizam seu número circense
com algodão doce e quase nenhum protesto
pela pouca robustez do drama
e tantas lágrimas dos palhaços
– meus gângsteres redimidos
(por isso mesmo com a cabeça a prêmio)

Um belo dia suprimiu-se o sol
as fronteiras ficaram mais confusas
com holofotes por toda parte
e comissários disfarçados em mandarins

Foi aí que esses galos apareceram
sublimes e inúteis

Serão poemas esses galos?
serão agentes infiltrados?
serão minhas bem-aventuranças?

Ninguém sabe nada desses galos
mas toda noite eles chegam
e estão na crista
da onda de delírio que varre o meu bairro

Dessa nova espécie de velhice

Dessa nova espécie de velhice
onde o cinismo dava as cartas
estava farto e por isso me disse:
se é assim aqui me dispo disso

Sorvi a seco o travo e fui em frente
supondo legiões em meu encalço
mas apenas o silêncio me alcançava
ignoravam meu ousado passo?

Mal me vi nu de ossos ao vento
e ainda a meus traços apegado
deixei que a fome fizesse o balanço
roendo o saldo até o bagaço

Por fim do fel desses escombros
emerge uma presença sem alarde
menos ou mais que mera sombra
sob um sol sem sal que já vai tarde

Se hoje me tenho como sou
e às vezes o que sou me paralisa
com surpresa recebo esse temor
sem ódio, mas também sem amor

Os kamikazes do aerosol

os kamikazes do aerosol riem de tudo:

do morto esquartejado suburbano
fatiado sobre o carro do ano

da namorada exposta de pernas abertas
que um escroto ex dinamitou via internet

do velho travesti e do conquistador barato
traças roendo o social contrato

*(god save the queen, gargalham as baratas
viva o Imperador, farfalham os cupins
só o mercado salva, ladainham os ácaros)*

Os kamikazes do aerosol riem de tudo:

dos novos tribunais da inquisição
e do martírio de são sebastião

da trajetória das balas perdidas
até que elas lhes achem as vidas

dos militares e paramilitares
e esse pendão arrancado pelos ares

*(navegar é preciso, gemem as baleias
encalhadas
here comes the sun, riem amarelo os tigres
desdentados
nec spe nec metu, latinizam os elefantes
martirizados)*

Os kamikazes do aerosol são peças raras
riem de tudo e nunca mostram a cara
vão tão fundo no afã de seu esguicho
que nem no lixo conseguem ser bichos

L'Impasse

No princípio tinha uma Maria
e um Luís; ambos incapazes:
ela, por ser louca;
ele, por ser criança.

Mas entre o que seja absoluto
e relativo, há um equinócio
entre a França e o Maranhão.

Os pobres de São Luís
não andejam de ternos
sem cor, e esfarrapados,
e coletes com algibeiras,
nem se enobrecem
com sobretudos platinados
e rotos sobre os ombros;

nem usam flores murchas
nas lapelas dos descorados
paletós ou jaquetões,
e nem se cobrem
com chapéus furados
com tiras de sedas em volta
e com as abas
levemente quebradas;

Os pobres de São Luís
não façam gravatas e cachecóis
nem usam sapatos
sem cadarços e solas furadas,
nem levam jornais velhos
debaixo dos braços
para se agasalharem do frio;
Os pobres de São Luís
não têm filmes e músicas
para lhes contarem as vidas;

Estes, sim, são os tristes pobres de Paris!

Os pobres de Paris
não andejam de pele e osso,
em trapos para lhes taparem as tripas,
nem se vergam
quando lhes são vergastadas
as vergonhas;

Os pobres de Paris
não usam jornais apenas
para amainar o frio que não há,
mas escreverem eles mesmos
as notícias de suas histórias,
e seus poemas sujos;

Os pobres de Paris
cheiram a perfumes caros,
têm a prepotência dos mediócras
e se iluminam com os pastiches
da liberdade, da igualdade e da fraternidade
que estão para revolucionar a racionalidade;
os pobres de Paris se embalam
ao vento de palmeiras e salitres
e descansam ao sono solto da preguiça,
enquanto um Martim Pescador
risca o céu da "República dos Becos"
a carregar no bico um peixe litúrgico
como signo de que não há nada de novo
sob o sol do Eclesiastes.

Estes, sim, são os alegres pobres de São Luís!

Motel

(Ao poeta Zema Ribeiro)

O mênstruo da aurora em tom vermelho
repete-me abatido na vidraça
minha imagem em dó, ré, mi, coalha no espelho
o sol, lavando o rosto, vê e passa

É a manhã, rebento do meu sono, afoito
me mudo para a lâmpada que acesa
crava minha sombra sobre a mesa
caneta e eu, poema, eterno coito

Saudades dela em mim como estrias
na pele – e como é duro removê-las
devassos, nós dormimos quando é dia

porque à noite, como cães lassos de orgia,
se ela faz suruba com as estrelas
eu vivo em coito anal com a poesia

Cascas

Teresa e Sandra
usavam a mesma boca
na hora do amor
o mesmo sêmen
o mesmo sangue
a mesma vagina
e a mesma virgindade

Teresa se pendurava em fachos de luz
Sandra gostava de dólares

Ambas consumiam homens
e carne moída
mulheres e algodão doce

Teresa nasceu de madrugada
Sandra não nasceu
Não nasceu nunca
Caiu de um ferimento

War

Eu quis ser poeta
 Por questões de saúde pública
 eu quis ser poeta

Não quis ser advogado porque não obedeço leis
 E por causa desse chamego escroto com as estrelas

Não quis ser jornalista
 Porque não estou interessado em mundos
 E menos ainda no que neles acontece

Eu quis ser poeta
 Para que as pessoas não pegassem fogo
 e não escorresse petróleo de suas carnes

Eu quis ser poeta
 Pelo direito de vigiar jardins
 e para trocar minhas válvulas
 quando e onde bem entendesse

Eu quis ser poeta
 Eu não quis ser presidente
 nem candidato a pastor de criminosos

Eu quis ser poeta e poeta o sou
 dentro dos olhos fulminantes
 do soldado raso que dispara contra mim

Paisagem

O amarelo
 gira
ou gera
seu outro inundado
de sol

A ira da luz
 circula
em redor do eixo
que move
 a manhã
máquina de flor
a construir paisagens

O azul olha
 só de longe
com seu poder de horizonte

Constatação

O silêncio é a verdade
que ninguém disse
a forma de ser das coisas
e a travessia única
que pode levar o homem a Deus

A verdade não é feita para a boca
e o ouvido não precisa escutá-la
para que o homem saiba
que é vã
a matéria de seu destino

Pasto

Não sei da palavra
senão que ela é
o quanto se lavra
de poesia e fé

Lavoura verbal
que o homem cultiva
puro cereal
de paz nutritiva

O prisioneiro

Quanta tristeza – **Ezra** – um homem humilhado!

As noites e os dias
Divididos em aflições

Com a carência do alimento
Ao teu ser enfraquecido.

A sede contínua em meio às coisas áridas.

O requinte extravagante
Nos momentos de tortura.

Os canais sujos do teu rosto
Expressam dores vividas.

Quanta vergonha – **Pound** – um poeta oprimido!

As Nações Unidas
Condecorando carrascos,

Enquanto na *Jaula dos Gorilas*
O sol queima a tua pele.

Metrópoles e províncias lançam fogos aos céus!

Nas igrejas e nos cafés
Comemoram o fim da guerra.

Somente tu – prisioneiro desnudo –
Não vês os clarões na noite.

Os exclusivos

Um pouco abaixo das raízes dos ciprestes
Estão os mortos,
Exclusos da luz e do vento.

Em outras eras foram sobras contempladas,
Agora – simples réstias
De um estrume raro.

Subiram as águas sobre o cedro escarlate,
Cortado imaturo nas alucinadas matas.
Flutuam os caixões
Nas salmouras empoçadas
Tendo como lastro, ressequidos finos ossos.

Sete palmos famintos
Estraçalham as rosas
Os lírios
Os cravos
Simbolizando o pranto dos que ficaram imunes
Após tamanha queda.

Dolentes acordes nas torres se congregam
Quebrando o silêncio
Dos jazigos seculares!
Dia de Finados – hosanas mil à ressurreição.

Poema marinho

Quantas lâmpadas se acendem no ocaso
entre as paredes deste aquário!

Mar, fonte de lustres e vitrais,
na dormência das calcificadas ervas.
Soturnas canções das infindas maresias.
Aqui as pedras exibem suas raízes.

Navegam conchas em formato de estrela
pelos canais obstruídos da madrugada.

Vergam-se as algas, asas feridas,
sob o impacto permanente do quebra-mar.
Rebentos afloram em remanso de cardumes,
reflexos lunares formam tapetes.

Um entardecer de semente revela o fruto,
cântaros sem fundo, bilhas quebradas.

Aos milhares as sardinhas nadam
sobre o fino caule das hortaliças.
Não prevalece a preamar nos confins do boqueirão:
rotativo sarcófago dos navegantes.

São Luís, 16/03/08

Claustro

Retenho a magia do pensamento

Absorvo a dor e

vomito

A palavra anseia pela

prisão

Dois de novembro

A xícara branca
me encara do
outro lado da mesa
um tigre esfacelou
meu rosto no
agitado sono de
meio-dia

as formigas fizeram
um novo caminho
da cozinha à sala
sem um único volteio

meus dedos pesam
mais que nunca
e afundam junto
com o pudim no forno

eu tenho muito medo
de morrer
num dia feio assim

Fora da tela

não posta em sossego
absorta
quieta
a minha
tropeça pela alma
perambula desassossegada
insone
a minha melancolia
não é
a de Dürer

O amor à flor da pele

A Wong Kar Wai

Ao Zé

1.

O segredo de anos de vida
soprado no oco da pedra milenar.

Musgo medra sobre ele agora
estremece no vento.

Passa, passa, deixa para trás
a pele rugosa, lanhada de negro
das paredes solenes em ruína.

Elas contêm agora
entre tantas outras
desconhecidas pedras
a perda do segredo,
sua dor.

A cabeça do santo há mil anos mil
anos vê tudo,
preside a construção gigantesca e grave
bordada na pedra.

Tudo escuta,
tudo aceita e recebe.
Seus ouvidos são grandes
para a compaixão.

Segredo, sagrado.
Entrega e sai caminhando, vai leve,
entrega ao mundo o que foi tão amado
sobre todas as coisas,
agora ar livre
por todos respirado.

2.

Os materiais mais reles,
tabiques, cortinas de náilon,
camas de dobrar, flores de pelúcia
em espaços comprimidos,
aviltantes do humano
ganham imprevisita beleza
esverdeadamente rosa, fosca,
através do olhar do poeta.

Tornam-se mancha e formas
maravilhosas da memória
janelas de basculante,
cortinas vermelhas a enfunar-se na estreiteza
de corredores petrificados de cimento armado
nas pensões e hotéis sem qualquer estrela,
nas escadas carcerárias de intermináveis subidas
e descidas com marmitas
de que o paraíso do amor fez paraísos.

Sobre tudo isso baixa a luz fortíssima
da figura amada,
verdadeira constelação do Cisne.

Além de fulgir sobre as coisas satélites
sua beleza é a única forma nítida e tanta
e tão rútila que transfigura o triste cenário urbano
como só mesmo o amor pode fazer
na levada da crista do seu mar oceano.

Face a face

Flutuas na tela negra
estriada de sangue, rios,
flâmulas.

Página, cristal líquido,
entre os teus mortos,
mim, contigo.

Anjos transitam na tela
da janela,
facilidade do hábito,
facilidade do hálito,
felicidade do cálido,
de quem se deita ao nosso lado,
calado.

A minúcia da memória
há tanto tempo dispensada.

A luz vem súbita de cima, catábase.
Agora as presenças sentam-se à mesa.
São, comigo, o que são:
rupestre coração.

Alef

Com ímpeto os chifres rompem ígneos
os enigmas do tempo enquanto o escriba
sobre o papiro virgem reaviva
do fundo da memória os vaticínios:

Carregarás na areia teus desígnios
para que a voz divina sobreviva
além do mar rompido à deriva,
cravando a ferro e fogo teus domínios.

Ao som inaugural de uma palavra
imprimirás a letra como um selo.
A parte evoca o todo e o elo lava

as frases e a história com que narras
como D'us te exortou em seu apelo
de fixares eternas as amarras.

Beit

Pelos portais da casa tens acesso
à lareira que espalha noite e dia
o calor protetor da mãe judia
pelas quatro paredes do recesso.

Braços em rotação, lento processo
das retas na procura de outras vias
até se recurvarem, seios guias,
abrigo de outros símbolos impressos,

cunhados por escribas em tijolos,
em rolos, em papiros, pergaminhos.
Abóbada celeste, em seu colo,

em íntimo convívio, às consoantes,
eternizando as falas em aninho,
reúnem-se as vozes dominantes.

Guímel

Ultrapassas as portas, as fronteiras
no lombo do camelo. Inconformada
ou perseguida, irrompes transformada,
cruzando o *Mare Nostrum*, companheira

de outras letras, fiel, a hospedeira.
Providente, na bolsa armazenada,
a reserva vital purificada
borrifa para sempre as videiras.

Semicírculo, lua decrescente,
valores tripartidos submetidos
ao gesto das vogais proeminente,

ora para trás, ora para frente,
alterando o traçado convertido,
ressuscitando ângulos tangentes.

Eis a questão

em minhas veias
corre sangue mouro
sorriso nem choro eu nego
meias palavras não digo
entrego o ouro ao bandido
o meu anel de ametista
a pista dos meus segredos
os meus medos infantis
a minha cruz
o meu credo
minha caixa de brinquedos
promessa de ser feliz
agora já não sei mais
se me arrependo
ou se me rendo
o que você não diz
não aprendo

Fado enjoado

haja lexotan
pra achar que é bom
dormir sem você
roncando ao meu lado
ainda bem que sou cristã
que rezo toda noite
pra me livrar do pecado
vade retro
te esconjuro
coisa mais chata a tua
cantando
aquele fado enjoado
a tua boca no escuro
me procurando
me lambendo
me babando
como se fosse criança
Deus me livre
guardar isso na lembrança

Antropofagia

os intelectuais de plantão
vão comer meu coração
não posso entrar em qualquer balada
sem antes ler a folha ilustrada
ela é que vai me dizer
o que fazer da minha ignorância
os intelectuais de lapela
enfiam o dedo na goela
pra vomitar arrogância

os intelectuais de plantão
vão comer meu coração
quantas estrelas deve ter um filme
pra me comover?
como é que se arquiteta
uma poesia concreta?
quem me ajuda na desconstrução
de uma instalação sem pé nem cabeça?
haja erudição pra juntar as peças

não posso gostar sem pensar
mas posso gozar sem trepar
divagar teorizar ludibriar
os intelectuais de luneta
só sabem tocar punheta

Luís Augusto Cassas

Poemas para iluminar o Trópico de Câncer
(fragmentos)

*À Luz e ao Sopro
e a todos que lutam pela chama da vida.*

A canção do acelerador de partículas na constelação de Câncer

Sou o acelerador de partículas:
apresento-me ao coletivo.
Sirvo à glória da vida.
Mas cuidado: sou radioativo.
Minha missão: libertar o templo
invadido por áspides e bichos
e limpo restituí-lo ao espírito.
Coopero com o Altíssimo:
o grão-gerador.
Mas sirvo ao raio científico
que me adotou.
Às entristecidas células
acelero o suicídio
a renascerem estrelas
sem a autonomia do vício.
Após passarem em meu fogo
em ouro os homens tornarão
redescobrimdo o logos
que habita o coração.
Quarenta sessões
de fótons no deserto
abrirão as estações
ao ser desperto.
E retornará Miguel
em tempo de revelação
abrindo o prazo do céu
na luta contra o dragão.
Sou o acelerador de partículas:
sirvo à glória da vida.
Conciliai-vos com tudo o que é vivo.
Mas cuidado: sou radioativo.

Kundalini

As torres de ferro da Avenida Paulista
são árvores eletrônicas
a serviço da comunicação e da notícia.¹

Mas quando olho-as em profundidade
(retornando das sessões de radioterapia)
transformam-se em figuras bizarras:
grandes caduceus em ritos de alquimia.
Duas serpentes inversas entrelaçadas
duplamente enroladas na espinha dorsal
oficiam o néctar da taça real
e banham as torres de pura energia.²

Repetir-se-ia na árvore do corpo
a arte de purificar o ouro
para escapar ao inaudito
que me rói as páginas do livro?
E fabricar o elixir benquisto
reciclando o veneno em antídoto
páginas de luz novos capítulos
em texto integral a ser vivido?

À noite – em seus ninhos e nichos –
as torres de ferro da Avenida Paulista
bombardeiam de luzes o infinito.

Sonho com mansas pombas
e o autor do jardim alquímico:
o Grande Espírito.

1 Antenas de rádio e televisão, concentradas em torres localizadas em pontos altos de São Paulo, por exemplo, a Avenida Paulista.

2 Iniciadas as sessões de radioterapia com o acelerador de partículas, comecei a ter estranhas visões de que serpentes (como no caduceu de Hermes, depois caduceu de Esculápio, emblema médico) subiam pelas torres da Avenida Paulista. A PhD em Física, Laura Ferrari, confirmou-me que a energia era da mesma natureza porque tudo é onda eletromagnética, variando apenas a intensidade. Mas o poema já estava concluído.

A cura

quando os olhos
daquele que é
absolutamente nada

chorarem pelos olhos
daquele que é
absolutamente todo

e as lágrimas claras
do absolutamente todo
lavarem os ciscos dos olhos

do absolutamente nada
então veremos às claras
tudo absolutamente novo

Seis poemas sobre casas

1.

geodesia celeste —
algum traço de estrela nos tijolos

sobre as ondas no capinzal
o domador de brotos

morder lâmpadas
para soprar mercúrio

e as antenas
quando as casas se esgotam nas paredes

[um emboço esconde portas não feitas]

uma gérbere inesgotável
desfolha um gesto de sol

a geologia da casa aferida no olho-osso da lua

2.

os gomos cítricos de sua íris
[um aberto
rente ao céu]

as portas sílex-folha o flúor dos dias
[dobra eólia entre baldrame

e rua] —
a mulher dentro da casa: útero num outro útero

:
e a cidade-máquina
que emborça brincantes
em óleo de baleia e pedra
a história das damas
sodomizadas nas paredes

o *déjà vu* é o mesmo instante numa outra possibilidade

para erguer a casa
antes é preciso escolher o céu sobre ela
tomar o pulso do quintal ou do chão

3.

a casa é 30% tijolos e 70% sonhos

casa-fruta
casa-mundo

a
cidade-mitose
cidade aerada [seu subterrâneo
aleatório]

a mulher na cozinha
tinha no cabelo o dobro da idade

fruta-falo em seu ventre

na ontologia dos detalhes
os utensílios têm parte com os delírios

a estrutura óssea da casa
não suporta vibrações de realejo

4.

a casa nos respira
com seu tórax de alvenaria

[] nós

um tumor nas entressalas

a carambola-flor
frutificando no pomar de alguma rua antiga

as ruas enrugadas
nos desníveis das calçadas

uma anticasa habita as casas

e uma outra casa habita em nós

5.

um tumor surgido na omoplata esquerda
bloco de laje alojado entre vértebras

uma gestação de lâmpadas moídas
algo de entulho argila brita
e uma íngua de carne ao avesso do reboco

casa-medula
num engano de coluna

pedra-casa
no rim de um estranho emparedado por dentro

6.

claridade mineral da manhã
oxigênio
ao contrário na anticasa

[o espaço-tempo represado no quintal antes –]

casa oculta na dobra da luz
e uma árvore bem calculada
no xadrez do perímetro
[jardim de gesso encerrado em gesso]

a casa é uma pedra dobrada

casa-côncava
matéria escura do branco
ali onde a luz inaugura a luz

as telhas mastigam umas às outras
guardam nos dentes antigo minério de nuvens
e uma estrela mecânica rangendo
o fim do mundo na lombada dos portões

Reuben da Cunha Rocha

Balada para Tom Waits

Ouvi pela primeira
vez o arranhar do teu
rugido rouco
no toca-fitas de um carro em movimento
numa avenida vazia em São Paulo

a cidade saía de um coma –
o nome secreto dos feriados

fígados ruins &
corações partidos
olhos que enxergam à noite
e o dom
de parecer invisível
pelo qual agradeço

obrigado

Eu nunca perdi
a impressão daquela noite
sobre tua música

essa coletânea
de hinos do inferno

essa hinologia de anjos bodados

com que
aprendi
a permanecer esperto
mesmo de olhos
fechados

e que
nem sempre
a beleza
está no lugar certo

e que ela nunca
nos acerta

no errado.

*Passagem de Celso e Pablo por Floripa
lembrando Robert Piva
cantando Cortázar*

Morador Solitário da Lua
A Lua é o Bat-Sinal do Sol
Homens antigos
mastigam doenças novas
 Passear c/ a Eternidade num
Céu de Garçonetes Graciosas
Cantar a Canção do Afogado
Bolhinhas voando dos tímpanos
 Pequenas Hecatombes
na superfície do planeta

Logo Waly

Se decido descer a rua
onde moro às 5
a meio caminho da tarde
a meio caminho do morro
avisto: o alto do próximo
morro e umas casas brancas lambidas
por um resto de sol. É um amarelo de personalidade forte
vai ver é isso que chamam tropical
um lance que podia ser cor de coisa podre
ou da mais alta realeza.
Parece que estou vendo a capa do teu livro, Waly
O Mel do Melhor
(foi o primeiro que li, eu comecei a te ler pelo fim, inclusive do teu)
impressa no excesso das coisas
assim parece que te ouço sempre que vejo tua imagem impressa
tua boca enormemente contente
tua alegria esparramada de palavras
tudo que tu escreve parece que foi escrito em CAPS
é como minha memória guarda por exemplo
tu dizendo (aquela foi tua última
entrevista?) que demorava a publicar
não por humilde anonimato
mas por DESMEDIDA AMBIÇÃO de querer se tornar
tudo aquilo que ainda não é.
Eu que desde aquela época sabia muito pouco
guardei essas coisas pra usar. Ou teu método LIGO A TOMADA
ABRO A JANELA ESCANCARO A PORTA, como tu diz no disco
de Jards Macalé
e isso pra mim é verdade.
Sabe que nem me surpreendi contigo inaugurando Real Grandeza pro meu ouvido?
Antes dei um riso
que foi ficando mais e mais perplexo
até virar a ignição dum texto sob o sol às 5
amarelo Real quase no final e ainda pleno.

Tu é Diabo do Dia, Waly

Batucada dum tarde quente interrompendo a pressa dos outros

Tu tem um jeito de sentir pressa que está mais pra urgência

Linha de frente de linhagem anti-livresca em que te reconheço e que tu bem conhece
(reveja os retratos). Astúcia solar

que nem aqueles velhos jogando dominó desde a hora do almoço

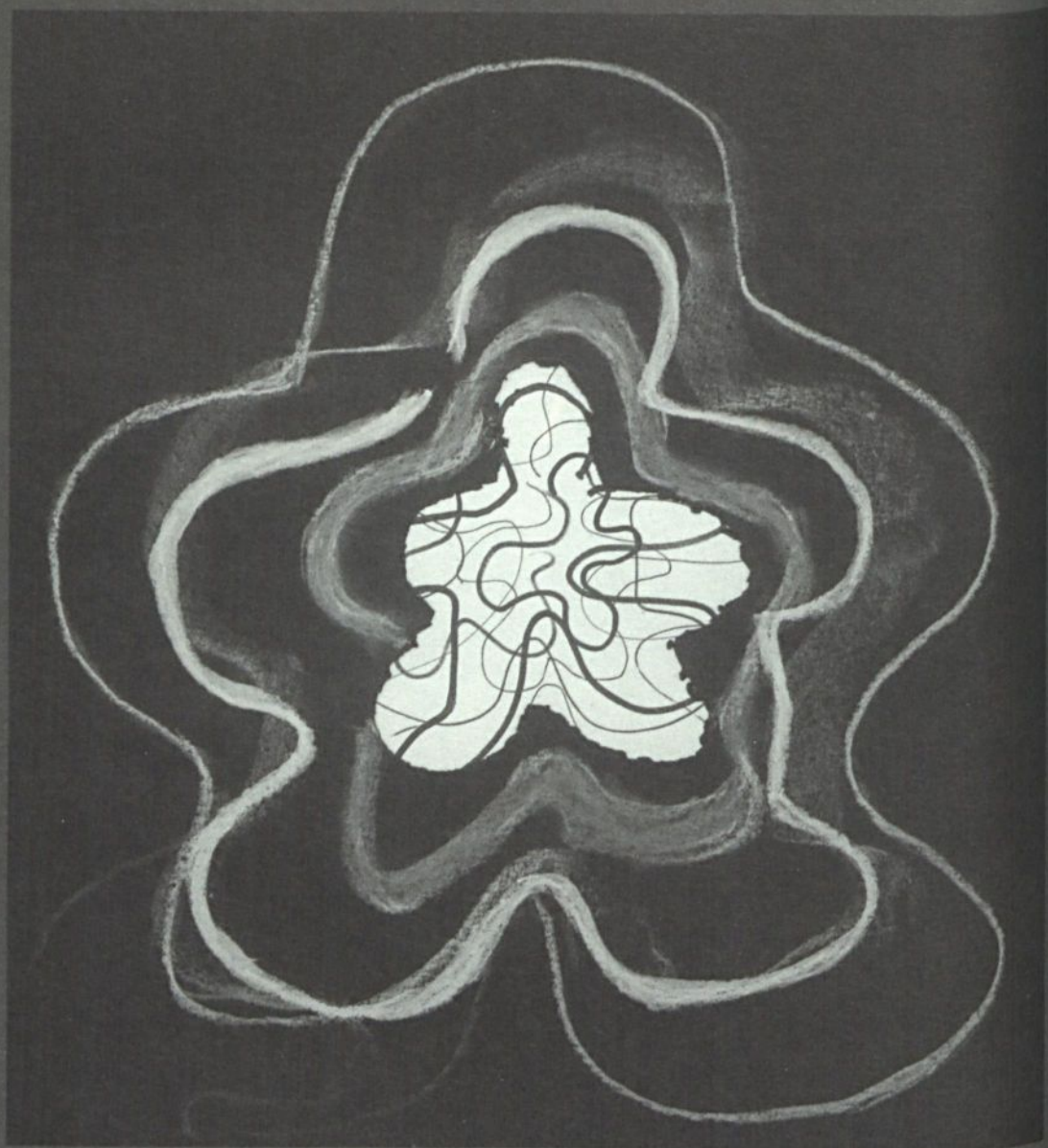
Estudantes saindo no meio da aula pra um Incontrolável Amasso e quando voltam
estão muito mais atentos

parece que a pupila dilata.

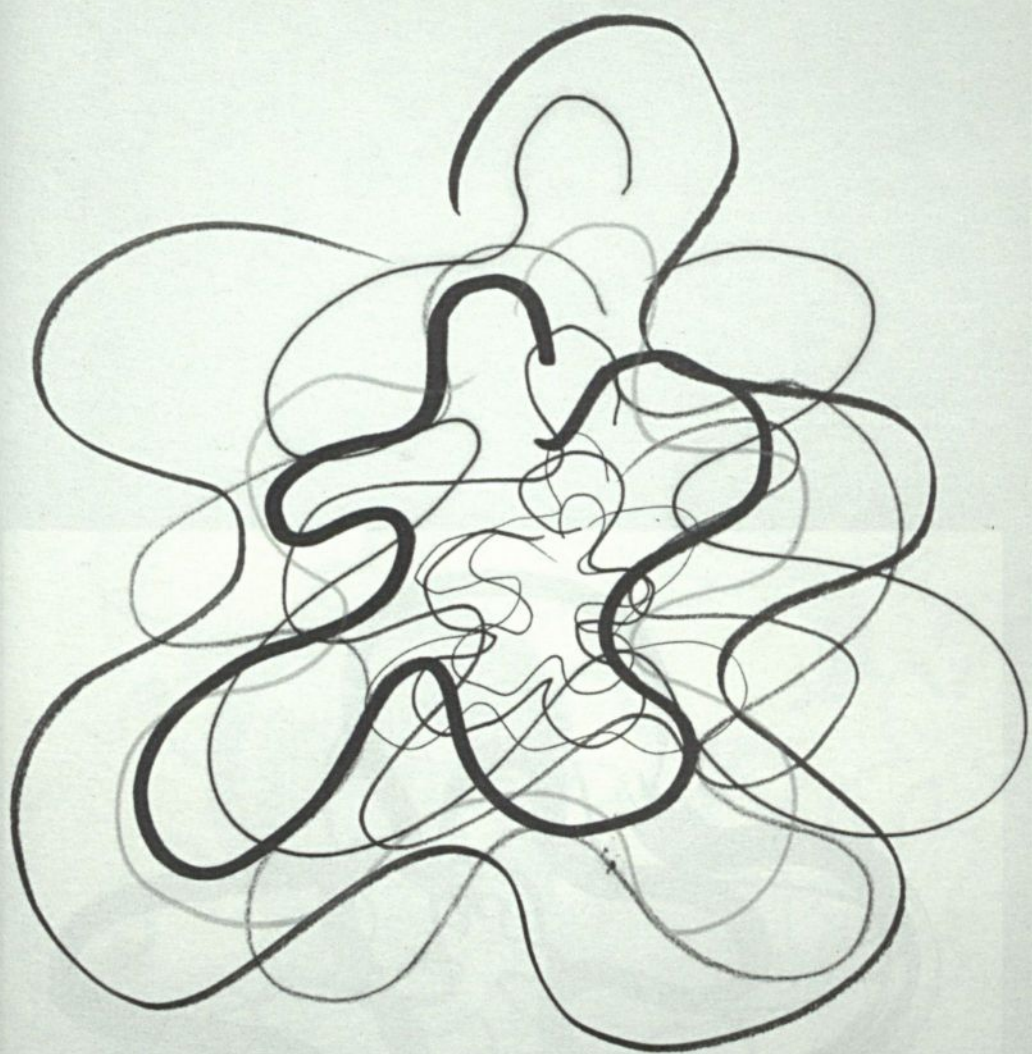
GRAZIELLA ANDREANI

TERRA DA MEMÓRIA

Estudos para os projetos PHOIBAS e PHOSTOPHOS.



PHOSTOPHOS. Colagem, nanquim e pastel, s/d.

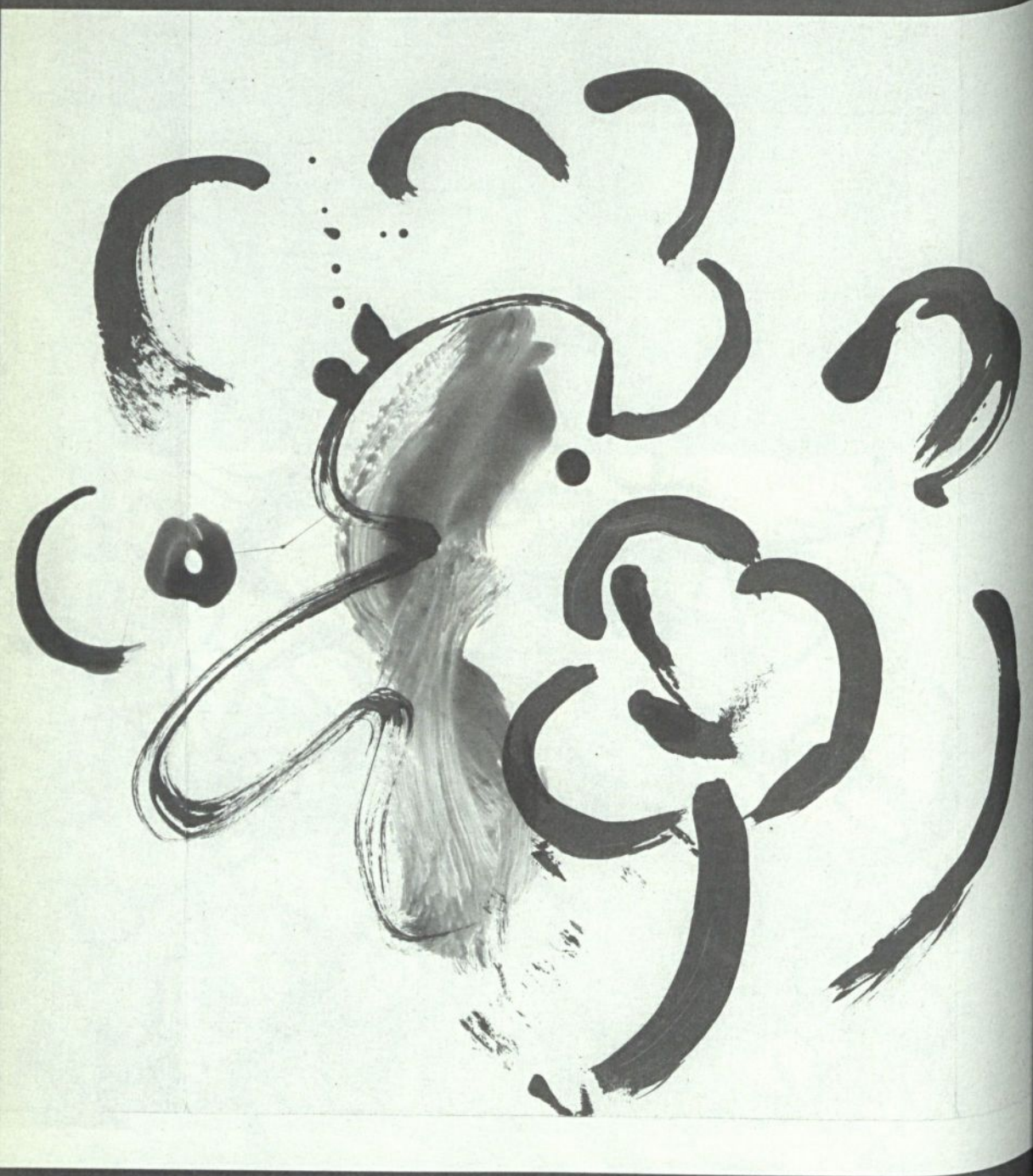


PHOSTOPHOS. Desenho em nanquim, 2008.

PHOSTOPHOS. Desenho em nanquim, 2008.

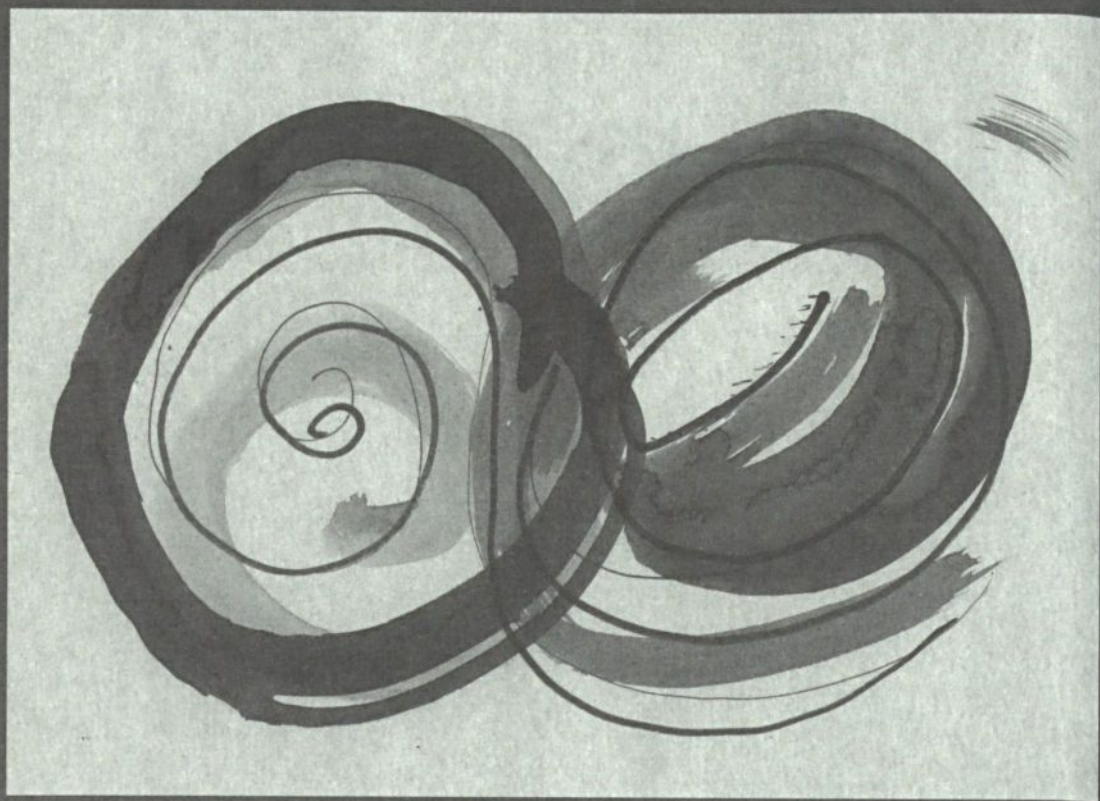




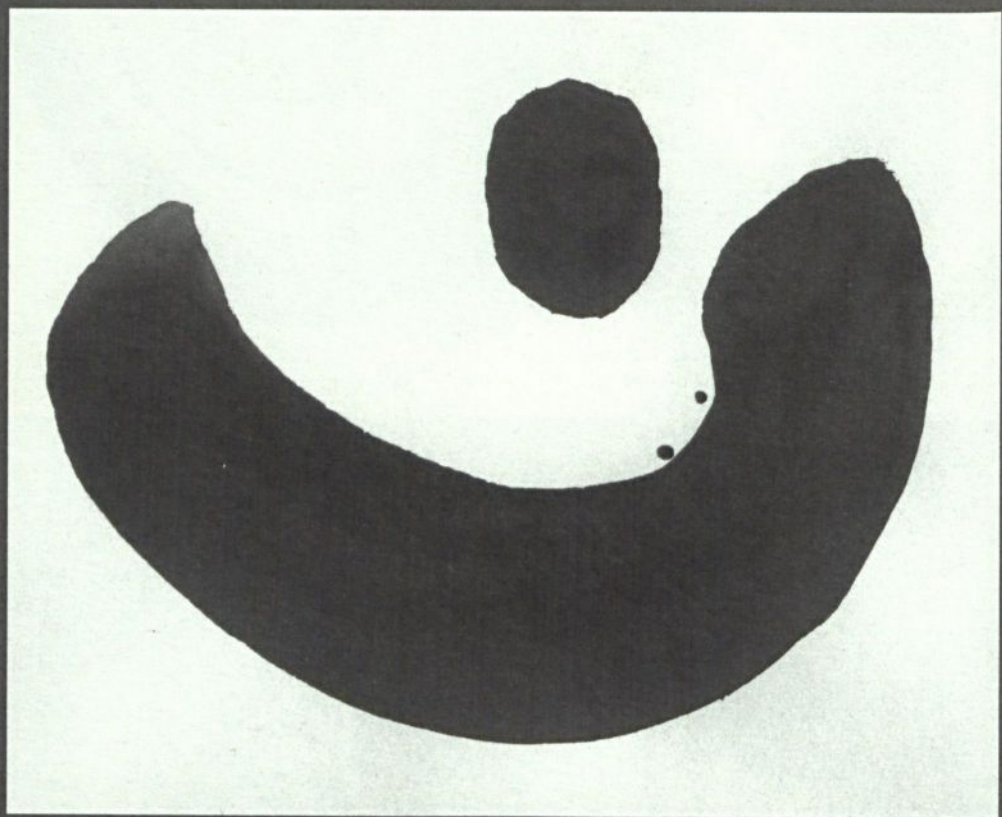


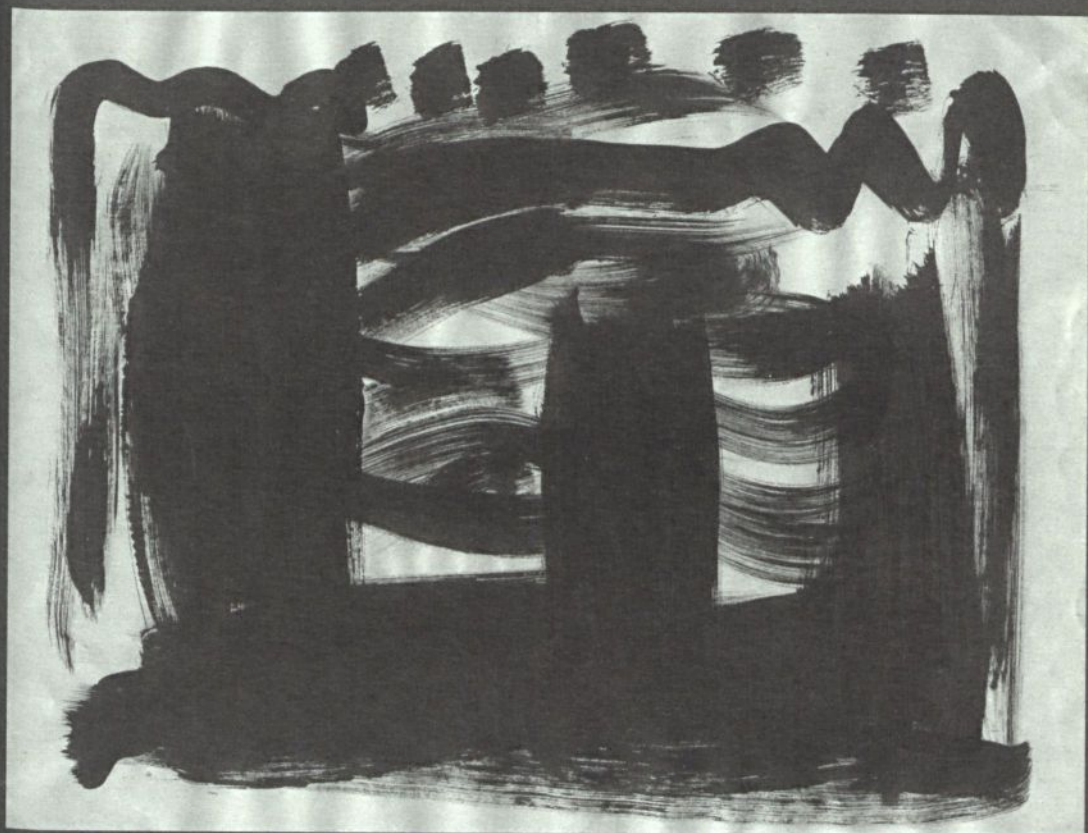
PHOSTOPHOS. Desenho em nanquim, 2008.

PHOIBAS, Desenho em nanquim, 2009.



PHOIBAS. Desenho em nanquim, 2009.



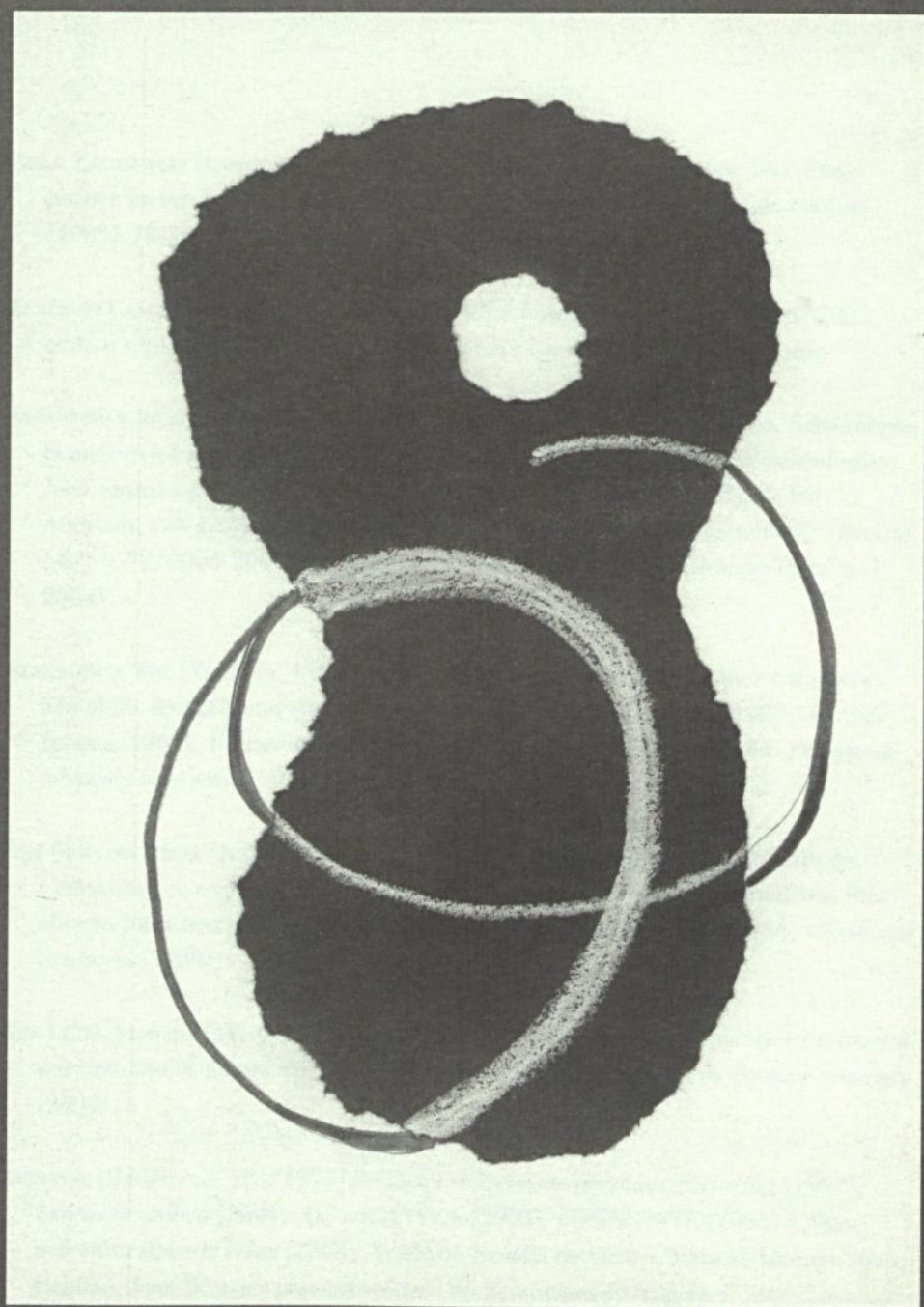


PHOIBAS. Desenho em nanquim, 2008.



PHOIBAS. Desenho em nanquim, 2007.

PHOIBAS. Colagem, nanquim e pastel, 2008.



Biografias

- ADAM ZAGAJEWSKI [Lwów, 1945] é poeta, ensaísta, tradutor e prosador. Sua obra poética inclui: *Komunikat* (1972), *Sklepy mięsne* (1975), *List. Oda do wielości* (1983), *Plótno* (1990), *Powrót* (2003) e *Anteny* (2005).
- ALBERICO CARNEIRO [Primeira Cruz, MA, 1945] é formado em Letras e, desde 2002, edita o suplemento cultural e literário “Guesa Errante”, do *Jornal Pequeno*.
- ALEKSANDAR JOVANOVIĆ [Subotica, 1950], tradutor e professor universitário, é doutor em Semiótica e Linguística Geral. Seus trabalhos mais recentes incluem as traduções *Nem santos nem anjos* (2006), de Ivan Klíma, *Café Titanic* (2008), de Ivo Andrić, e os artigos “Danilo Kis: memória, catástrofe e vazio metafísico” (*Revista USP*, v. 72, 2006-2007) e “Goldziher, húngaro das Arábias” (*Revista Tiraz*, n. 1, 2004).
- ALEKSANDER WAT [Varsóvia, 1900 – Paris, 1967] é prosador, poeta, editor e tradutor. São obras de sua lavra, entre outras, *Bezrobotny Lucyfer* (contos, 1927), *Wiersze* (poesia, 1957), *Wiersze śródziemnomorskie* (poesia, 1962), e *Mój wiek. Pamiętnik mówiony* (memórias, 1981).
- ANA CRISTINA CÉSAR [Rio de Janeiro, 1952 – 1983], formada em Letras, mestre em Comunicação, traduziu poesia e escreveu para revistas e jornais alternativos. Sua obra inclui *A teus pés* (poesia, 1982), *Inéditos e dispersos* (poesia, 1985) e *Crítica e tradução* (1999).
- ANA LUIZA ALMEIDA FERRO, natural de São Luís, MA, é promotora de justiça e professora universitária. É autora de *Quando: poesias* (2008) e co-autora de *Versos e anversos* (2002).
- ANDITYAS [Barbacena, MG, 1979] publicou os livros de poemas *Ofuscações* (1997), *Lentus in umbra* (2001), *OS enCANTOS* (2003), *FOMEFORTE* (2005) e *Algo indeciframelmente veloz* (2008). Traduziu Rosalía de Castro, Manuel Antonio, Juan Gelman, Joan Brossa e poemas eróticos do Renascimento francês.
- ANTONIO AFLTON [Bacabal, MA, 1968] é poeta, ensaísta, professor da escola pública e mestrando em Educação. Além de antologias, tem publicados *As habitações do Minotauro* (2000) e *Humanologia do eterno empenho* (2003).

CARLOS NEJAR [Porto Alegre, RS, 1939] é poeta, ficcionista, ensaísta e procurador de justiça aposentado. Sua obra poética mais recente inclui *A espuma do fogo* (2002), *A arca da aliança* (2004) e *Tratado de bom governo* (2004). É membro da Academia Brasileira de Letras.

CESAR TEIXEIRA [São Luís, MA, 1953] é jornalista, poeta e compositor. Sua produção literária tem sido divulgada em cordéis, visando atingir a população carente. É autor dos premiados “Poema de amor e alquimia sobre o Araguaia”, “Patrimônio cultural profano” e “Hóstias de sal & paixão”.

COUTO CORRÊA FILHO [São Luís, MA, 1954] é curador independente e crítico de artes visuais. Publicou *Bailado flamenco* (1993) e *Por Espanha* (2006).

CZESŁAW MIŁOZ [Szetejnie, 1911 – Cracóvia, 2004] foi poeta, ensaísta, prosador, crítico e historiador literário, e tradutor. Sua obra poética inclui *Poemat o czasie zastygłym* (1933), *Trzy zimy* (1936), *Ocalenie* (1945), *To* (2000) e *Orfeusz i Eurydyka* (2003). Foi laureado com o prêmio Nobel de Literatura em 1980.

EDUARDO JÚLIO [São Luís, MA, 1971], poeta e jornalista, é autor de *Alguma trilha além* (2006). No final dos anos 1990, fez as fotografias do CD-livro XXI, do poeta Celso Borges.

FERNANDO ABREU [Grajaú, MA, 1965], poeta, formado em Jornalismo, é autor de *Relatos do escambau* (1998) e *O umbigo do mudo* (2003), além de organizador da coletânea *As melhores crônicas do claraonline* (2005). Como letrista, tem parcerias com Chico César, Chico Nô, Zeca Baleiro e Gérson da Conceição.

FERNANDO BRAGA [São Luís, MA, 1944] é poeta, ensaísta, cronista, advogado e pós-graduado em Ciências Políticas. Publicou, em sua estréia, *Silêncio branco* (1967). Também é autor de *O exílio do viajante* (1982) e *Campo memória* (1991).

FERNANDO MENDES VIANNA [Rio de Janeiro, 1933 – Brasília, 2006] foi poeta e tradutor de poesia. Sua obra inclui *O silfo-hipogrifo* (1978), *Marinheiro no tempo: antologia* (1986) e *A rosa anfractuosa* (2004), além de traduções de Victor Hugo e Quevedo.

GRAZIELLA ANDREANI, artista plástica italiana naturalizada brasileira, alterna o uso de várias técnicas e materiais como desenho, colagem, esculturas, pinturas e instalações. Já participou de diversas exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior e lançou o catálogo intitulado *Phoiba & Phostophos*.

GRAŻYNA DRABIK é tradutora de poesia polonesa para o inglês e o português. Suas traduções foram publicadas em revistas literárias e antologias no Brasil e nos Estados Unidos. Traduziu para o inglês, em parceria com David Curzon, poemas de Anna Kamieńska (*Astonishments: Selected Poems of Anna Kamieńska*, 2007).

- HENRYK SIEWIERSKI [Wrocław, 1951], professor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada, ensaísta, tradutor e poeta, publicou, entre outros, *Agostinho da Silva: vida conversável* (entrevista, 1994), *Jak dostalem Brazylię w prezencie* (ensaio, 1998), *História da literatura polonesa* (2000), *Raj nie do utracenia. Amazońskie silva rerum* (ensaio, 2006) e *Outra língua* (poesia, 2007).
- JM CUNHA SANTOS [Codó, MA, 1952], assim como o pai, Durval Cunha Santos, é poeta e jornalista, autor de *Meu calendário em pedaços* (1978), *O esparadrapo de março* (1981) e *Terceiro testamento* (romance inédito).
- JOSÉ CHAGAS [Santana dos Garrotes, PB, 1924], poeta, já deu a lume mais de vinte livros. Estreou com *Canção da expectativa* (1955), publicou também *Os canhões do silêncio* (1979) e *A castração dos anjos* (1994).
- JOSÉ MARIA NASCIMENTO [São Luís, MA, 1940] é poeta, fotógrafo e autodidata. Tem doze livros de poesia publicados, dentre os quais, *Células de esperança* (1960), *Turbulência* (1995) e *Encontros e aflições na Zona de São Luís* (2001).
- JOSÉ SANTIAGO NAUD [Rio Grande do Sul, 1930] é formado em Letras Clássicas, tradutor e professor universitário aposentado. Entre diversas obras publicadas pelo autor, destacam-se *Pedra azteca* (1985), *Antologia pessoal* (2001) e *Fábrica de ritos* (2008).
- LAURA AMÉLIA DAMOUS nasceu em Turiaçu, MA. É autora de *Brevíssima canção do amor constante* (1985), *Arco do tempo* (1987), *Traje de luzes* (1993) e *Cimitarra* (2001).
- LÉLIA COELHO FROTA, poeta e historiadora de arte, nasceu no Rio de Janeiro, onde sempre viveu e trabalhou. Sua obra poética inclui *Veneza de vista e ouvido* (1986), *Brio* (1996), *Fruit* (2008, Ed. Les Arêtes, France).
- LEONOR SCLiar-CABRAL [Porto Alegre, RS, 1929] é professora aposentada e pesquisadora do CNPq. Sua obra poética inclui *Romances e canções sefarditas* (1990), *Memórias de Sefarad* (1994), *De senectute erotica* (1998) e *O sol caía no Guaíba* (2006).
- LÚCIA SANTOS [Arari, MA, 1964] é escritora e trabalha com poesia falada e teatralizada. Possui três livros de poemas publicados, *Quase azul quanto blue* (1992), *Batom vermelho* (1998) e *Uma gueixa para Bashô* (haicais, 2006). Como letrista, é parceira de Zeca Baleiro e Nosly, entre outros.
- LUÍS AUGUSTO CASSAS nasceu e mora em São Luís do Maranhão, desde 2 de março de 1953. Gosta de contemplar a Unidade, mesmo reconhecendo a fragmentariedade da Vida. Tem 14 livros de poemas publicados e um neto, Gabriel.

- LUIÍS CARLOS PATRAQUIM [Lourenço Marques, atual Maputo, Moçambique, 1953] é escritor, roteirista/argumentista e jornalista. É membro fundador da Agência de Informação de Moçambique e do Instituto Nacional de Cinema. Sua obra inclui *Monção* (1980), *Lindemburgo blues* (1997) e *O osso côncavo* (2005).
- MARCELO PAIVA DE SOUZA [Brasília, 1971] é professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira e tradutor. Publicou, entre outros, *Teatr niepokoju. Studium porównawcze dramaturgii Stanisława Ignacego Witkiewicza i Oswald de Andrade* (2001), *Czesław Miłosz: não mais* (antologia poética em parceria com Henryk Siewierski, 2003), *Jacopone da Todi: flagelo e amor* (antologia poética, 2006).
- MARCIA SÁ CAVALCANTE SCHUBACK [Fortaleza, 1957], mestre e doutora em Filosofia, vive na Suécia desde 1999, onde é professora universitária. Já traduziu Martin Heidegger, Friedrich Hölderlin e F.W. Schelling. Além de artigos e ensaios, sua obra mais recente inclui *Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa* (2000) e *Dissonanskrift* (2004).
- MÁRCIO-ANDRÉ [Rio de Janeiro, 1978], poeta, tradutor, ensaísta, compositor e violinista, publicou os livros *Movimento perpétuo* (2002), *Intradoxos* (2007) e *Ensaíos radioativos* (2008). Tem trabalhos publicados em revistas e antologias de diversos países.
- MIRON BIAŁOSZEWSKI [Varsóvia, 1921 – 1983], poeta, prosador e dramaturgo, publicou, entre outras, as seguintes obras poéticas: *Obroty rzeczy* (1956), *Mylne wzruszenia* (1961), *Poezje wybrane* (1976).
- NELSON ASCHER [São Paulo, 1958] é poeta, articulista e tradutor. Tem traduções de W. H. Auden, Lawrence Ferlinghetti e Púchkin. Sua obra poética inclui *Ponta da língua* (1983), *Algo de sol* (1996) e *Parte alguma* (2005).
- REGINA PRZYBYCIEN [Curitiba, PR, 1949] é tradutora e professora de Literatura. Tem artigos sobre poesia em coletâneas e periódicos, entre eles “A geografia poética brasileira de Elizabeth Bishop” e “Wisława Szymborska e o declínio do século”.
- REUBEN DA CUNHA ROCHA [São Luís, MA, 1984] tem narrativas e poemas publicados nas revistas *Cult* e *Autofagia* (BH) e traduções para o jornal *Casulo* (SP). Mora em Florianópolis, onde pesquisa e traduz poesia norte-americana, e se dedica a longas caminhadas.
- STANISŁAW BARAŃCZAK [Poznań, 1946] é poeta, tradutor, ensaísta e crítico literário. Sua obra poética inclui *Korekta twarzy* (1968), *Jednym tchem* (1970), *Tryptyk z betonu, zmęczenia i śniegu* (1980), *Podróż zimowa* (1994) e *Chirurgiczna precyzja* (1998).

STANISŁAW GROCHOWIAK [Leszno, 1934 – Varsóvia, 1976], poeta, dramaturgo, prosador e publicista, é autor de, entre outros livros, *Ballada rycerska* (1956), *Menuet z pogrzebaczem* (1958), *Rozbieranie do snu* (1959), *Agresty* (1963) e *Nie było lata* (1969).

TADEUSZ RÓŻEWICZ [Radomsko, 1921] é poeta, dramaturgo e prosador. Sua obra poética inclui *Niepokój* (1947), *Czerwona rękawiczka* (1948), *Poemat otwarty* (1956), *Nic w płaszczu Prospera* (1963) e *Zawsze fragment. Recycling* (1998).

TYMOTEUSZ KARPOWICZ [Zielona, 1921 – Chicago, 2005], poeta, dramaturgo, ensaísta, publicou os seguintes títulos de poesia: *Żywe wymiary* (1948), *Kamienna muzyka* (1958), *Odurócone światło* (1972) e *Słoje zadrzewne* (1999).

WISŁAWA SZYMBORSKA [Bnin, 1923], é poeta, ensaísta, crítica literária e tradutora. Sua obra poética inclui *Dłatego żyjemy* (1952), *Pytania zadawane sobie* (1954), *Wolanie do Yeti* (1957), *Sól* (1962), *Wielka liczba* (1976), *Ludzie na moście* (1986), *Koniec i początek* (1993), *Chwila* (2002) e *Rymowanki dla dużych dzieci* (2003). Foi premiada com o Nobel de Literatura em 1996.

WITOLD GOMBROWICZ [Maloszyce, 1904 – Vence, 1969], prosador e dramaturgo, publicou, entre outras obras, *Ferdydurke* (romance, 1937), *Iwona, księżniczka Burgunda* (teatro, 1938), *Trans-Atlantyk* (romance, 1953), *Ślub* (teatro, 1953), *Bakakaj* (contos, 1957), *Pornografia* (romance, 1960), *Kosmos* (romance, 1965), *Dziennik* (diário em três volumes, 1957, 1962 e 1966) e *Operetka* (teatro, 1966).

ZBIGNIEW HERBERT [Lwów, 1924 – Varsóvia, 1998] foi poeta, dramaturgo e ensaísta. Sua obra poética inclui *Struna światła* (1956), *Hermes, pies i gwiazda* (1957), *Studium przedmiotu* (1961), *Pan Cogito* (1974), *Raport z obłąconego miasta i inne wiersze* (1983), *Elegia na odejście* (1990) e *Epilog burzy* (1998).

ZBIGNIEW WÓDKOWSKI [Badkowo, 1958], doutor em Literatura Comparada e tradutor de obras literárias, já lecionou inglês na Europa e na África e trabalhou como intérprete e tradutor para diferentes organizações internacionais.

POESIA SEMPRE

- Nº 1 – América Latina
- Nº 2 – Portugal
- Nº 3 – Estados Unidos
- Nº 4 – Alemanha
- Nº 5 – França
- Nº 6 – Itália
- Nº 7 – Espanha
- Nº 8 – Israel
- Nº 9 – Grã-Bretanha
- Nº 10 – Rússia
- Nº 11 – Dossiê Borges
- Nº 12 – Poesia do Descobrimento
- Nº 13 – Dossiê Cruz e Souza
- Nº 14 – Irã
- Nº 15 – México
- Nº 16 – Dossiê Carlos Drummond de Andrade
- Nº 17 – Japão
- Nº 18 – Dossiê Ferreira Gullar
- Nº 19 – Dossiê Augusto de Campos
- Nº 20 – Dossiê Adélia Prado
- Nº 21 – Dossiê Manoel de Barros
- Nº 22 – Romênia
- Nº 23 – Angola e Moçambique
- Nº 24 – Árabe Contemporânea
- Nº 25 – Suécia
- Nº 26 – Portugal
- Nº 27 – China
- Nº 28 – Peru
- Nº 29 – Sérvia

Poesia Sempre – Ano 15 – Número 30

2008

Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional

ISSN 0104-0626

I. Literatura – Periódicos. 2. Literatura – História e crítica – Periódicos I. Biblioteca Nacional (Brasil).

CDD 808.8

As imagens utilizadas na revista *Poesia Sempre* pertencem ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional, salvo aquelas com indicação de proveniência. São publicadas somente imagens autorizadas. Não sendo identificados os detentores, os interessados devem se manifestar. As opiniões nos artigos são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

Revista Poesia Sempre

Fundação Biblioteca Nacional

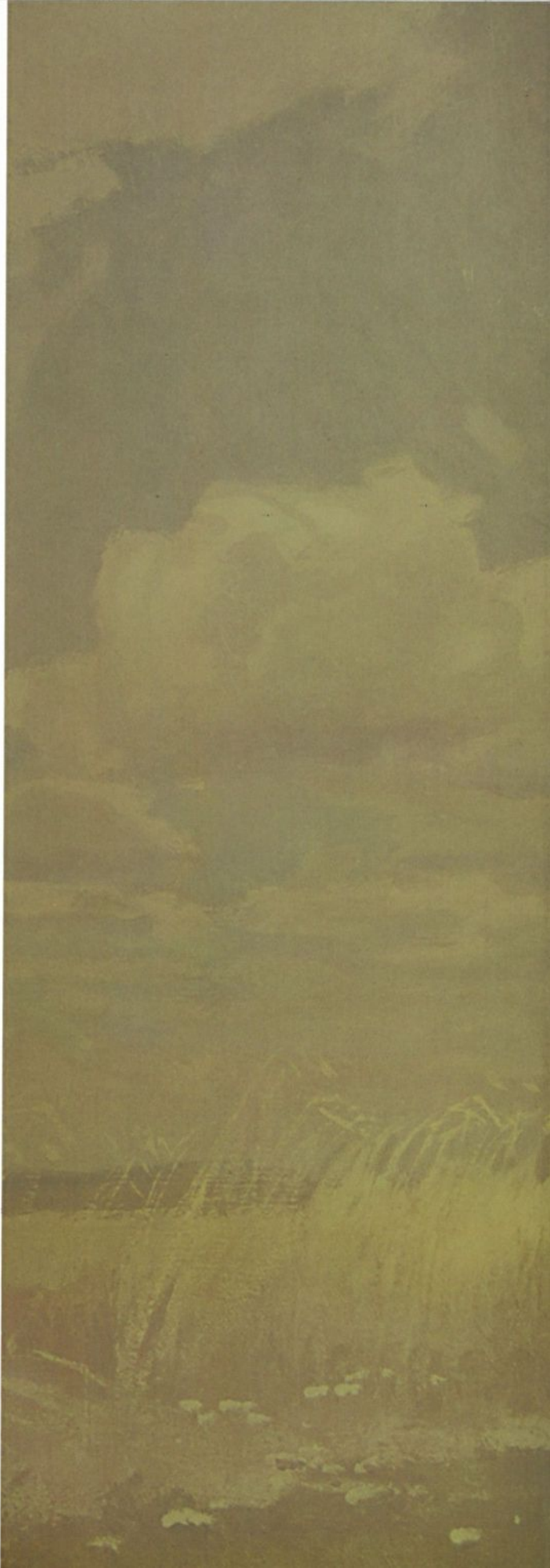
Av. Rio Branco, 219, 5º andar

Rio de Janeiro RJ

20040-008

poesiasempre@bn.br

Impresso pela Duoprint
Composição em Bauer Bodoni
Capa em papel Cartão Supremo 250 g/m²
Miolo em papel Pólen Bold 90 g/m²





2008
 Ano
Machado
de Assis



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Ministério
da Cultura

